

LTP 15

TOM, ENTONAÇÃO E ACENTO DE INTENSIDADE  
NA LÍNGUA SÍ-MÁKONDE  
BASES PARA UM ESTUDO MORFOTONOLÓGICO

TM/133

LIPHOLA, MARCELINO M.

TESE DE MESTRADO

CAMPINAS, S.P. - 1991

LTP  
15

LPT-15

TOM, ENTONAÇÃO E ACENTO DE INTENSIDADE  
NA LÍNGUA SI-MÁKONDE  
BASES PARA UM ESTUDO MORFOTONOLÓGICO

Autor: Marcelino Marta Liphola

ORIENTADOR: Profa. Dra. Maria Bernadete M. Abaurre.

TOM, ENTONAÇÃO E ACENTO DE INTENSIDADE  
NA LÍNGUA SÍ-MÁKONDE  
BASES PARA UM ESTUDO MORFOTONOLÓGICO

LIPHOLA, MARCELINO MARTA

Este trabalho corresponde à dissertação submetida a exame pelo Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), São Paulo - Brasil, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Campinas, março de 1991.

AS PALAVRAS

"(...) palavras que formam uma crosta e bloqueiam os canais da nossa vida íntima, outras "leves, fluidas e respiráveis", circulam livremente no nosso sistema".

Proust.

*Registra-se aqui uma dívida, que jamais vai ser paga, à minha Mãe, Biti-Ndodombi, pela tolerância e coragem de, em plena guerra, me mandar para a escola com dor de Mãe.*

A presente pesquisa foi  
feita com o financiamento da  
"The Ford Foundation".  
(Processo AAP 677E Fy 1988  
ID 39051-005/013  
AP 886-2067)

*"Não nos envergonhemos de ensinar ao povo (que já sabe). Os coisas que querem evitar que o grande público se aproveite dos seus conhecimentos e para isso escondem a idéia na maranha da terminologia bárbara, impelem o público ansioso de saber para todas as fontes claras...*

*(...) somos, dos dois lados, professores muito imperfeitos - mas seremos perdoados se movermos para frente a cultura".*

Will Durant.

(in "História da Filosofia - Vida e Idéias dos Grandes Pensadores" - Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1938).

## AGRADECIMENTOS

A Maria Bernadete Marques Abaurre, sem quem eu não teria sido capaz de fazer esta Dissertação;

A Tânia Maria Alkimin, por me ter orientado na primeira fase do meu trabalho;

A Luís Carlos Cagliari, que sempre contribuiu com afinco, quer ouvindo as gravações dos informantes, quer lendo esta Dissertação;

A Leo Wetzelo, pelas valiosas contribuições;

A Jonathan Kaye, por não ter somente criticado o projeto de Dissertação, mas também ter sugerido e "dado algumas dicas";

À Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane que colocou à minha disposição todo o apoio de que necessitei;

A meus informantes: Sabina Galámponi, Regina Mákánga, Joaquina M'píni, Ernestina Marino, Biti-Mwaliímu, N'chaláaba, Síláasi Mwágenya, Daléepa Ngáláu, Aidi Graminho, N'kwémba, Lyambwambwe, Victor Ndalaánga e Tangoliímo;

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Brasil, (CNPq), que através de apoio contigencial, assegurou a realização da etapa final da pesquisa;

A meus amigos e companheiros de lutas diversas, pelo encorajamento constante que propiciou a esta pesquisa tomar forma de Dissertação;

A Ivani e Percival, por terem estendido incondicionalmente sua mão solidária;

Aos Docentes do IEL, (UNICAMP), com os quais direta ou indiretamente aprendi;

Aos funcionários pela atenção dispensada;

À Mina Mana, "Wápantíma".



## SUMÁRIO

### CAPÍTULO I

1.	Introdução .....	01
1.1	- Objetivos .....	01
1.2	- Apresentação .....	02
1.2.1	- A Língua e seus falantes .....	02
1.2.2	- Descrição da metodologia utilizada no trabalho de campo .....	03
1.3	- Indicações metodológicas .....	08

### CAPÍTULO II

2.	Fonologia .....	12
2.1	- Os fonemas e sua realização .....	12
2.1.1	- Os fonemas vocálicos e seus alofones .....	12
2.1.2	- Quadro de ocorrências dos fonemas vocálicos ....	14
2.1.3	- Os fonemas consonantais .....	15
2.1.4	- Os fonemas consonantais e seus alofones .....	17
2.1.5	- Quadro de ocorrências dos fonemas consonantais .	25

### CAPÍTULO III

3.	Fonêmica .....	30
3.1	- Vogal nasalizada .....	30
3.2	- Vogal longa .....	31

### CAPÍTULO IV

4.	Morfofonêmica .....	36
4.1	- Alternância de consoantes e restrições sequenciais .....	36
4.2.	- Perda de fonemas .....	53
4.3	- Palatalização e labialização .....	56
4.3.1	- Palatalização .....	56
4.3.2	- Labialização .....	56

5.	Sílaba e sua estrutura interna .....	57
5.1	- Alterações seqüenciais e restrições em SMAK ....	59
5.1.1	- Grupos consonantais .....	60
5.1.2	- Sequências palatalizadas e labializadas .....	61
5.1.3	- Pre-nasalização e nasal silábica .....	67
5.1.3.1	- Pré-nasalização .....	67
5.2	- Nasal silábica .....	74
5.3	- Classificadores e as classes nominais .....	82
5.3.1	- Classificadores e as formas verbais .....	84
5.3.2	- A forma verbal infinitiva .....	85
5.3.3	- A forma verbal causativa .....	86
5.3.4	- A forma verbal reflexiva .....	87
5.4	- Sobre as classes nominais .....	90

#### CAPÍTULO V

6.	Morfotonologia .....	103
6.1	- Os radicais e a variação dos padrões tonológicos .....	104
6.1.1	- Radicais com uma sílaba .....	106
6.1.2	- Radicais com duas sílabas .....	109
6.1.3	- Radicais com três sílabas .....	114
6.2	- Princípios de correlação tom-sílaba .....	115
6.3	- Sobre os níveis melódicos da língua SMAK .....	117
6.4	- Padrões tonológicos básicos .....	119
6.5	- Os tons de contorno .....	125
7.	CONCLUSÃO .....	127
8.	BIBLIOGRAFIA .....	130
9.	APÊNDICE - mapa lingüístico de Moçambique .....	137

## SÍMBOLOS E CONVENÇÕES

- H - tom alto
- ' - acento de intensidade
- U: - vogal longa
- Û - vogal nasalizada
- Ü - vogal breve
- + - juntura morfológica
- #-# - fronteira de palavra
- N̥ - nasal silábica
- - supressão do prefixo ou classificador
- ∅ - zero (ausência de um elemento não realizado fonologicamente)
- [ ] - transcrição fonética segundo o IPA, com algumas modificações por razões gráficas
- // - transcrição fonológica
- ( ) - opcionalidade de um elemento
- - passa a, transforma-se em.

## RESUMO

Uma tentativa de inserir informação prosódica na representação fonológica tem sido parte de estudos lingüísticos que, ultimamente, vêm despertando o interesse de estudiosos e pesquisadores do ramo.

Tal interesse não só é justificado pela multiplicação de teorias lingüísticas que procuram dar conta da "sílabas", como também pelo desenvolvimento das mesmas, permitindo que noções novas, tais como "proeminência relativa", estejam hoje ligadas a interpretação de conceitos relacionados com os níveis segmentais e supra-segmentais.

Objetivando procurar dar conta de aspectos segmentais e fenômenos supra-segmentais, o presente estudo busca compreender a forma como os níveis fonológico e fonético podem receber tratamento formal diferente daquele que se baseia em unidades elementares que, posteriormente, formam níveis ou cadeias maiores na língua.

O propósito básico deste estudo é tentar fornecer um pequeno subsídio para uma análise do tom, entonação e acento de intensidade ocorridos na língua Sí-Mákonde, entendendo os referidos aspectos prosódicos não como sendo secundários, no sentido de serem uma modificação de sons básicos de fala, mas, sim, como traços articulatórios (distintivos), sobre os quais podem ser estabelecidas linhas de associação entre níveis lingüísticos diferentes. Relacionando a ocorrência de tom (padrão tonal), acento de intensidade e estrutura silábica da língua, concluímos que os níveis inferiores, tais como o segmento, se vinculam às categorias superiores em que se alicerça a fala humana.

CAPÍTULO I

## 1. Introdução

### 1.1 Objetivos

Estudando os aspectos prosódicos, pretendemos, como tema geral, fazer um exame dos fenômenos que ocorrem na maioria de línguas Bantu de Moçambique. Como tema específico, a análise está voltada para o estudo do tom, acento de intensidade e alongamento vocálico produzidos no interior de uma língua específica: Si-Má-konde.

Observando que a ocorrência do tom, intensidade e alongamento da vogal se relaciona com a estrutura fonológica e a posição da sílaba, o estudo tem por objetivos:

1) estabelecer uma relação entre a ocorrência desses fenômenos e a posição exata da sílaba em que têm lugar e

2) verificar se tal ocorrência é predizível a partir do tipo de estrutura da língua.

A questão principal é, portanto, saber se o tom e a intensidade podem receber um tratamento que, com base num conjunto de princípios, capte níveis lingüísticos distintos: o fonológico e o tonológico.

## 1.2 Apresentação

### 1.2.1 A língua e seus falantes

A língua Si-Mákonde, doravante apenas SMAK, pertence à família lingüística Bantu, classificada tipologicamente P<sub>20</sub> (Guthrie, 1967).

Os falantes de SMAK ocupam, em Moçambique, uma área de cerca de 40.000 Km<sup>2</sup> (NELIMO, 1989), compreendendo os Distritos de Moçimboa da Praia, Palma, Nangade, Mueda, Muidumbe, Meluco e Macomia, ao norte do País.

Embora dados estatísticos não indiquem o número exato de falantes de SMAK em Moçambique, estima-se que existam cerca de 300.000 almas (NELIMO, 1989). Os falantes de SMAK, na Tanzânia, (país com o qual Moçambique faz fronteira na parte norte) são cerca de 400.000 (Yukawa, 1989).

É necessária certa cautela, relativamente a esses números, por duas razões. Como foi dito, em Moçambique não foram encontrados dados estatísticos exaustivos de falantes de SMAK, em cada Distrito. No caso da Tanzânia, deparamos com situações nas quais essa língua é tratada num grupo de línguas independentes que se consideram formas dialetais ou línguas fortemente ligadas a SMAK, tais como Ci-Yao, Ci-Mwera, Ci-Ndonde e Ci-Maviha (Yukawa, 1989).

### 1.2.2 Descrição da metodologia utilizada no trabalho de campo

O estudo que se pretende fazer sobre os aspectos tonêmicos da língua SMAK é baseado em análise de dados colhidos em trabalho de campo.

A escolha de SMAK para o presente trabalho foi motivada pelo fato de ser uma das línguas Bantu, aquela falada com mais regularidade pelo autor (no meio familiar) e, portanto, de seu maior domínio.

A coleta de dados foi desenvolvida durante três meses, tendo sido entrevistados treze (13) informantes de três (3) gerações diferentes. De entre eles, uns falam a língua materna (SMAK), e pelo menos, mais duas línguas Bantu das áreas circunvizinhas. Outros, além da SMAK, falam o português e outras línguas Bantu. Do total de informantes não foi encontrado sequer um falante não "bilingüe".

Do ponto de vista metodológico, a entrevista foi conduzida de duas formas: com relação ao primeiro grupo, a conversa foi desenvolvida exclusivamente em sua língua materna; quanto ao segundo grupo, a entrevista foi realizada em português, sendo que aos informantes lhes foram exigidas respostas em sua língua: SMAK.

Além da variável idade, as entrevistas levaram em conta sexo e localização geográfica dos falantes. Este procedimento adveio do fato de, em Moçambique, haver uma tradição histórica de ligar a comunidade falante de SMAK com a sua localização geográfica ao "núcleo hipotético" que compreende o planalto de Mueda no Distri-



to do mesmo nome. Não existe, porém até o presente, informação que fundamente, em termos científicos, tal delimitação. Portanto, nenhuma vinculação direta pode ser feita em termos lingüísticos entre o núcleo histórico hipotético da língua SMAK e os fatos analisados neste trabalho.

Com base num questionário sociolingüístico previamente elaborado, foram gravadas cerca de trezentas (300) palavras do "vocabulário básico" (cuja listagem foi, em alguns casos, modificada ao longo da entrevista), vinte e sete (27) frases "não complexas" e treze (13) frases "complexas" (encaixadas).

Pretendeu-se, tanto quanto possível, por um lado, que os dados deveriam ser mais abrangentes e, por outro, com base nos mesmos, verificar se havia alguma diferença significativa entre os falantes, relativamente aos aspectos prosódicos em estudo.

Os dados colhidos mostram que o quadro dos aspectos prosódicos em SMAK é homogêneo. As diferenças encontradas nos padrões tonológicos ou estão relacionadas com o carácter idiossincrático dos itens lexicais ou requerem mais estudos ligados às formas "dialetais" de SMAK. Nenhuma conclusão pode ser tirada neste trabalho a respeito de variações dos aspectos prosódicos em SMAK, a partir do seu núcleo lingüístico hipotético.

Sabe-se que a língua SMAK apresenta variantes regionais que tendem a ser consideradas como formas dialetais expressas, sobretudo, na variação de um número muito limitado de itens lexicais e muito raramente, em alguns fonemas consonantais ou seqüências consonantais.

Como foi dito em 1.2, acima, os falantes de SMAK estão distribuídos por sete Distritos no extremo norte da Província de Cabo Delgado.

Infelizmente, por razões diversas, não foi possível entrevistar, durante os trabalhos de pesquisa de campo, os falantes de Palma, Meluco e Macomia (o que representa cerca de 42,8% contra 57,14% da área total).

Devido ao bilingüismo natural dos falantes de SMAK, em particular, e de falantes de línguas Bantu de Moçambique, em geral, foram registrados problemas de interferência lingüística. Se, em alguns casos, foi possível determinar com clareza o tipo de interferência, em outros, esse problema foi considerado não solucionado em termos da descrição dos dados disponíveis. Embora em grau bastante reduzido, as intereferências foram marcantes no nível lexical(1) e fonológico (ver Quadro de fonemas 2.1), resultantes, sobretudo, de empréstimos de Ki-Swahili e/ou portugueses, ou de línguas aparentadas.

Por último, gostaríamos de deixar clara nossa inquietação que, de certo modo, constitui um problema não solucionado em nosso trabalho. Na medida em que as línguas moçambicanas foram, também, condenadas ao abandono e humilhação sócio-cultural e política, durante séculos da longa dominação colonial, um trabalho de pesquisa lingüística dos aspectos intrínsecos a elas deveria basear-se na diversidade e adversidade de teorias, montadas sobretudo em cima de línguas com (longa/alguma) tradição de escrita. Um trabalho não menos criativo, contudo, talvez fosse tentar verificar os pontos em que diversas teorias lingüísticas se articular-

lam para buscar os aspectos (in)compatíveis para cada língua objeto de estudo.

Não nos escapa, todavia, o alto custo de tal empreendimento. Em geral, os trabalhos descritivos procuram responder questões colocadas pela imposição do recorte do campo de pesquisa. Nesse sentido, dois problemas se colocam inevitavelmente:

1. fazer um trabalho cuja base teórica não é explícita;

2. ter que deparar-se com um tratamento que não se restringe apenas ao recorte feito, apelando-se a outras áreas do saber, mesmo que definido e caracterizado o objeto de estudo.

Se tais aspectos não puderam ser contornados no presente trabalho teve-se, contudo, que se considerá-los como problemas que devem ser levados em consideração no tratamento e análise dos dados.

Entendemos, porém, que os vários pontos que se levantam, em termos hipotéticos, ao longo de todo o estudo permitem uma reflexão que, por limitações de vária ordem (tempo e espaço que em trabalhos desta natureza se impõem) não aponta, necessariamente, para uma resposta definitiva e completa.



### 1.3 Indicações metodológicas

Tomando-se como referência os estudos de Pike (1943/7 e 1976) é feita a interpretação fonêmica básica da língua. São explicadas algumas alterações fonêmicas, com base em processos morfofonêmicos, tendo-se em conta o quadro de distribuição de ocorrências de fonemas na estrutura silábica. Além da primeira interpretação é feita, igualmente, a interpretação tonêmica, e explicadas algumas alterações de padrões tonais, com base em processos morfotonêmicos.

Nossa suposição é que, tanto os aspectos fonêmicos quanto os tonêmicos, pertencendo ambos a dois níveis lingüísticos distintos e funcionando com certa autonomia, devem estabelecer uma relação entre si, em algum nível lingüístico, relação esta que capta o segmento e o supra-segmento.

Tal suposição parte de uma constatação segundo a qual, tomados os segmentos de forma independente, estes podem estar sujeitos a alterações ou ser afetados na sua composição dentro das unidades fonológicas.

Movidos pelo desejo de saber se a análise dos aspectos prosódicos pode ou não afetar a teoria fonológica ao nível da representação, são levantados alguns problemas que secundam nossa suposição, sem que se pretenda com isso, propor uma nova teoria fonológica.

A hipótese principal deste trabalho é que na representação fonológica tanto de palavras quanto de frases de SMAK tem-se que inserir a informação do nível prosódico. Esta informação prosódi-

ca deve captar, basicamente, dois aspectos: a intensidade que ocorre em SMAK, sempre com o tom alto e os padrões tonais determinados pelo léxico. A questão é mostrar que, além de certas unidades fonológicas, incluindo o tom, que funcionam como segmentos autônomos em níveis lingüísticos diferentes, pode-se examinar, e é o que pretendemos, à luz de regras de associação entre elementos de diferentes níveis, as relações entre a ocorrência de um nível melódico  $n$  de uma cadeia tonal com as "unidades portadoras de tom"  $X^1$ .

Em virtude desse exame, seremos forçados, vez por outra, a fazer breves referências a modelos lingüísticos que atualmente procuram explicar os fenômenos tais como "proeminência relativa" para dar conta da sílaba (Goldsmith, 1976).

As evidências e conclusões teóricas desta análise referem-se, exclusivamente, à língua SMAK, a partir de dados que provêm do trabalho de pesquisa desenvolvida com informantes dessa língua e de nossas intuições lingüísticas.

Ao longo do trabalho, diversas assunções são feitas no sentido de manter nossa hipótese básica. Por exemplo, dois níveis lingüísticos distintos podem ser reconhecidos em SMAK, onde tom e intensidade operam na língua, são eles os níveis fonológico e gramatical. Embora em ambos os níveis esses aspectos prosódicos se inter-relacionem, eles têm funções distintas: função fonêmica e função gramatical. Nosso estudo está voltado para a função fonêmica de tom e intensidade, embora considerações de natureza gramatical, relativamente a estes fenômenos ocorram, eventualmente, no trabalho. Como conseqüência disso, decorre que a descrição

que é feita dos aspectos prosódicos na presente análise leve em consideração para o caso de SMAK, o seguinte:

1. o tom, como sendo a altura de voz;
2. a intensidade e duração, sendo a sílaba mais proeminente;
3. o alongamento vocálico, como jogo entoacional ligado ora aos padrões tonais ora à proeminência.

Assim, a flutuação de tom é encarada, na análise, em termos entoacionais, como estando vinculada aos três fenômenos.

Não podendo ser considerados como universais, os aspectos aqui discutidos só corroboram a assunção que reconhece e estabelece hierarquias dos processos fonológicos. Tal visão leva-nos a considerar os fenômenos prosódicos de SMAK como um tipo particular, e não como "exemplar" de todos os processos prosódicos universalizados.

Se estas asserções corroborarem nossa hipótese básica e conseguirem dar conta dos aspectos prosódicos em estudo, uma conclusão preliminar decorrente dos dados de SMAK, é que a questão morfofonológica é um problema relevante e implicado em descrição do sistema fonológico de SMAK em particular, e, talvez, de algumas línguas bantu de Moçambique em geral.

Algumas dificuldades, no entanto, podem ser decorrentes da metodologia proposta. A primeira, colocada logo no início da pesquisa é que, ao postular-se uma análise envolvendo os três aspectos prosódicos da língua, lançava-se mão de uma área lingüística

extremamente ampla, cuja caracterização e precisão carecem de critérios de ordem epistemológica; a segunda, ligada à primeira, é a que já fizemos referência no item 1.2.2.

**Notas:**

(1) A expressão "unidades portadoras de tom" é emprestada de Clements & Ford (1979). A mesma não só é associada aos níveis lingüísticos, mas também aos domínios aos quais os diferentes níveis se subordinam.



CAPÍTULO II

## CAPÍTULO II

## 2 - Fonologia

## 2.1 Os fonemas e sua realização

Baseados em dados colhidos em 1914, Lorenz, e 1989, Yukawa propõem uma análise fonológica para SMAK, na qual são estabelecidos cinco fonemas vocálicos e cerca de vinte e dois fonemas consonantais.

O quadro de fonemas consonantais proposto por tais estudos apresenta, contudo, alguns problemas que serão referidos por nós (ver 2.1.3).

## 2.1.1 Os fonemas vocálicos e seus alofones

/i/ fonema vocálico anterior, alto e fechado. Foneticamente realiza-se sempre como [i]. Exemplos:

/i+muúla/ [imú:la] "nariz"  
 H                      H

/li+tiili/ [litiyi:li] "tipo de fruto"  
 H                      H

/e/ fonema vocálico anterior, médio e fechado. Ocorre com dois alofones:

a) como vogal média aberta [ɛ], em posição de sílaba tônica. Exemplos:

/mé+eno/ [mɛ:no] "dentes"  
 H                      H

/kú+léka/ [kú<sup>ː</sup>lé:ka ] "deixar"  
 H                      H

b) como vogal anterior média fechada [e], em posição de sílaba átona. Exemplos:

/Ø+meéne/ [me<sup>ː</sup>é:ne ] "não"  
 H                      H

/li+eémbe/ [le<sup>ː</sup>é:mbe ] "manga"  
 H                      H

/u/ fonema vocálico posterior, alto e arredondado. Apresenta um só alofone [u]. Exemplos:

/u+luúlu/ [uluú:lu ] "seiva"  
 H                      H

/mu+uúnu/ [muú:nu ] "pessoa"  
 H                      H

/o/ fonema vocálico posterior, médio, fechado e arredondado. Ocorre com dois alofones:

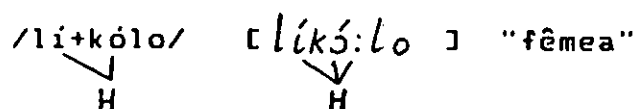
a) como vogal posterior, média, aberta e arredondada [ɔ], em posição de sílaba tônica. Exemplos:

/sí+lólo/ [sí<sup>ː</sup>ló:lo ] "espelho"  
 H                      H

/kú+lóta/ [kú<sup>ː</sup>ló:ta ] "gostar"; "querer"  
 H                      H

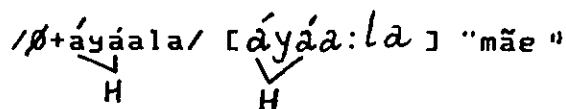
b) como vogal posterior média, fechada e arredondada [o], em posição de sílaba átona. Exemplos:

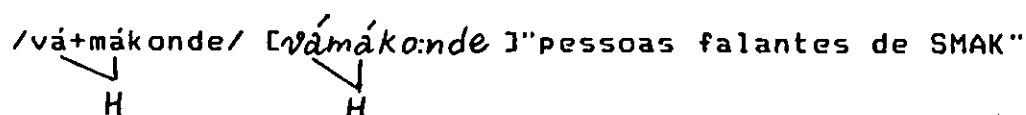
/sí+loóngo/ [sílo<sup>ː</sup>ó:ngo ] "panela"  
 H                      H

/lí+kólo/ [líkó:lo] "fêmea"  


/a/ fonema vocálico central baixo, aberto, não arredondado.

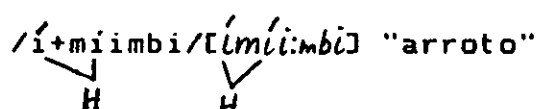
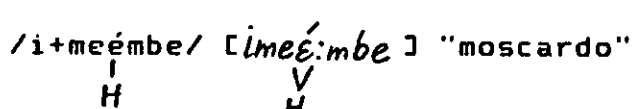
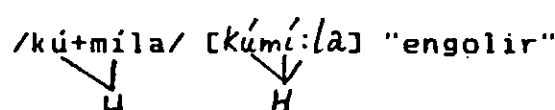
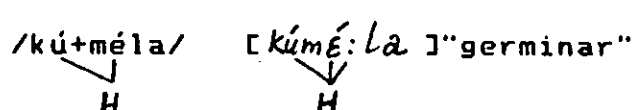
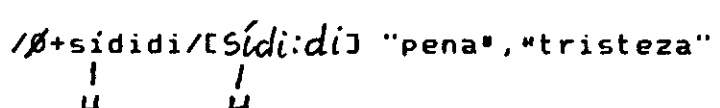

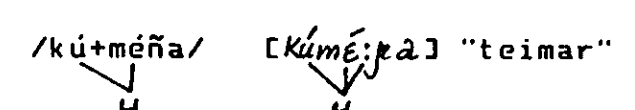
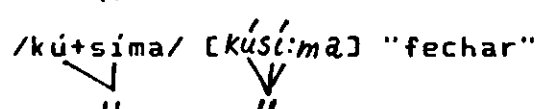
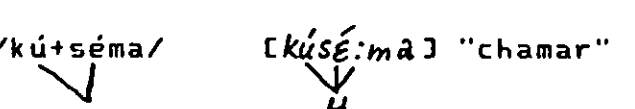
Realiza-se sempre como [ã] em todos os casos. Exemplos:

/ø+áyáala/ [áyáa:la] "mãe"  


/vá+mákonde/ [vámáko:nde] "pessoas falantes de SMAK"  


## 2.1.2 Quadro de ocorrências dos fonemas vocálicos

Na apresentação do quadro de ocorrências de fonemas vocálicos levamos em conta os pares mínimos, homólogos e suspeitos. Esses recursos técnicos permitem que sejam considerados os ambientes fonológicos idênticos e/ou diferentes onde essas ocorrências têm lugar (início, meio e final de sílaba).

/i/		/e/	
/í+mímbi/ [ímí:mbi] "arroto" 	/i+meémbe/ [imeé:mbe] "moscardo" 		
/kú+míla/ [kúmí:la] "engolir" 	/kú+méla/ [kumé:la] "germinar" 		
/ø+sídidi/ [sídi:di] "pena", "tristeza" 			
/kú+miña/ [kúmí:ɲã] "expremer" 	/kú+méña/ [kumé:ɲã] "teimar" 		
/kú+síma/ [kúsí:mã] "fechar" 	/kú+séma/ [kúsé:mã] "chamar" 		

/u/

/i+yímu/	[iyí:mu]	"sarna"	/i+yímo/	[iyí:mo]	"um"
 H	 H		 H	 H	

/n+nuúngu/	[N.nuú:ŋgu]	"deus"	/n+noóngo/	[N.noó:ŋgo]	"fila"
 H	 H		 H	 H	

/kú+úmba/	[kúwúmba]	"moldar argila"	/kú+ómba/	[kwó:mba]	"batucar"
 H	 H		 H	 H	

/li+búbu/	[libú:bu]	"panela de bar-	/li+bóbo/	[libó:bo]	"tipo de
 H	 H	ro com racha"	 H	 H	mosca tsé-
					tsé"

/a/

/ø+áyáala/	[áyáa:la]	"mãe"
 H	 H	

/ø+átáata/	[átáa:ta]	"pai"
 H	 H	

/li+taáanda/	[litáa:nda]	"lago"
 H	 H	

/li+aámba/	[kaá:imba]	"folha"
 H	 H	

### 2.1.3 Os fonemas consonantais

Nos estudos anteriores da língua SMAK, referidos em 2.1, encontramos algumas limitações relacionadas com o quadro fonêmico consonantal.

Limitações essas que se traduzem no fato de autores anteriores considerarem /č/ [tʃ] como fonema diferente e independente da prenasal consonantal [ntʃ] (Lorenz, 1914; Yukawa 1989). Interpretaremos [tʃ] como estando condicionado pelo ambiente fonológico de nasal. Com efeito, nossos dados mostram que [tʃ] ocorre em SMAK apenas em ambiente prenasal consonantal homorgânico e em empréstimos lexicais de outras línguas (ver 2.1.4).

Em adição [s] e [ʃ] são considerados nos referidos estudos como sendo dois fonemas diferentes em SMAK (Yukawa, 1989). Não encontramos evidências a esse respeito. Nossos informantes produzem /s/ [ʃ] em todos os ambientes, indicando o caso mais geral de variação livre.

Note-se, por uma lado, que o tipo de variação indicado como o caso mais geral em SMAK /s/ [ʃ] está relacionado com os empréstimos lingüísticos: os falantes de SMAK que mais falam português e Ki-Swahili realizam mais /s/ [ʃ] do que aqueles que falam predominantemente SMAK. Por outro lado, falantes de SMAK que lêem e escrevem na sua língua materna foram alfabetizados ou em Ki-Swahili e/ou nesta língua mais o Português. Ki-Swahili é língua Bantu resultante da combinação das línguas islamizadas com línguas africanas locais. Não comportando o traço tonal, é de se supor que certas interferências possam acarretar mudanças não só de fonemas como mudanças históricas de tom.

A discrepância de inventário dos fonemas consonantais deve-se, no nosso entender, a diversos fatores dentre os quais pode-se apontar como principal para o fato de os poucos estudos existentes relacionados com a língua foram (são) realizados na base de

dados colhidos junto a informantes que se encontram fora do seu lugar de origem: na Tanzania ou nos centros urbanos do interior do País, por exemplo. Estes falantes não só estão em fase de bilingüismo (entre sua língua materna e outras línguas) como são influenciados pela escrita de algumas dessas línguas (Ki+Swahili, Português, etc.). Considerando-se o inventário de fonemas consonantais de SMAK estabelecido em estudos anteriores e aquele que é indicado pelos dados por nós coletados, estabelece-se a seguinte configuração fonêmica.

#### 2.1.4 Os fonemas consonantais e seus alofones

/p/ fonema oclusivo bilabial surdo, apresenta um só alofone

[p]. Exemplos:

/li+pápa/ [lípá:pa] "peneira rota"  
 H                      H

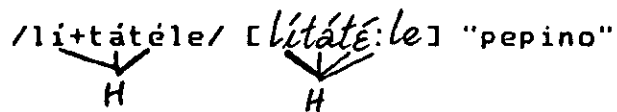
/lú+paápa/ [lupaá:pa] "asa"  
 H                      H

/b/ fonema oclusivo bilabial sonoro; ocorre, foneticamente sempre como [b]. Exemplos:

/li+baáta/ [libaá:ta] "pato"  
 H                      H

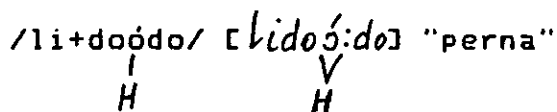
/li+bóbo/ [líbó:bo] "tipo de mosca tsé-tsé"  
 H                      H

/t/ fonema oclusivo alveolar surdo. Realizado foneticamente sempre como [t]. Exemplos:

/li+tátéle/ [lítáté:le] "pepino"  


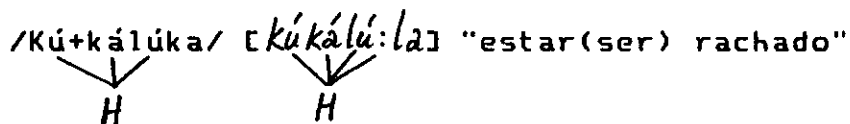
/ø+átáata/ [átáa:ta] "pai"  

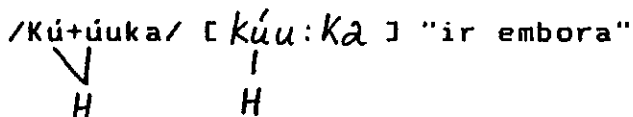

/d/ fonema oclusivo alveolar sonoro. Foneticamente realiza-se sempre como [d]. Exemplos:

/li+doódo/ [lidoó:do] "perna"  


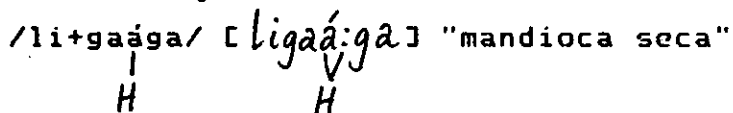
/ø+dikidiki/ [dikidiki] "pequeno"

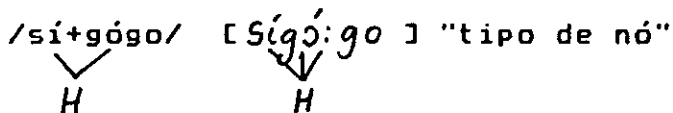
/k/ fonema oclusivo velar surdo. Foneticamente ocorre sempre como [K]. Exemplos:

/Kú+kálúka/ [kúkálú:la] "estar(ser) rachado"  


/Kú+úuka/ [kúu:ka] "ir embora"  


/g/ fonema oclusivo velar sonoro. Ocorre, foneticamente sempre como [g]. Exemplos:

/li+gaága/ [ligaá:ga] "mandioca seca"  


/sí+gógo/ [Sígó:go] "tipo de nó"  


/y/ glide palatal sonoro que ocorre foneticamente sempre como [y]. Exemplos:



/ø+áyáala/ [áyáa:la] "mãe"  
 H H

/i+yeta/ [ye:ta] "anel"

/Kú+péya/ [Kúpé:ya] "apressar"  
 H H

Este fonema, dependendo da região geográfica do falante, varia para [ʃ]. Por exemplo, tomando duas regiões (Mocimboa da Praia, zona oriental e, Mueda, zona ocidental) e designando-as pelas letras A e B, respectivamente, verifica-se o seguinte:

Mocimboa da Praia		Mueda
(Zona A)		(Zona B)
/ø+áyáala/ [áyáa:la] H H	~	[ájáa:la] "mãe" H
/Kú+péya/ [Kúpé:ya] H H	~	[Kúpé:ʃa] "apressar" H
/Kú+yánda/ [Kúyá:nda] H H	~	[Kúʃá:nda] "emagrecer" H
/Kú+yúwa/ [Kúyú:wa] H H	~	[Kúʃú:wa] "pedir" H

Ainda, o fonema /y/ varia para [ʃ] em todos os ambientes em que forma a pré-nasal consonantal homorgânica.

/s/ fonema fricativo alveolar surdo. Este fonema apresenta dois alofones:

a) africado alvéolo-palatal surdo [tʃ] que ocorre após consoante nasal. Exemplos:

/n+nsila/	[N.n.tʃi:la]	"cauda"
$\begin{array}{c} \diagdown \quad \diagup \\ \text{H} \end{array}$	$\begin{array}{c} \diagdown \quad \diagup \\ \text{H} \end{array}$	
/n+nséemba/	[N.n.tʃé:mba]	"caldo"
$\begin{array}{c} \diagdown \quad \diagup \\ \text{H} \end{array}$	$\begin{array}{c} \diagdown \quad \diagup \\ \text{H} \end{array}$	
/n+nsúulu/	[N.n.tʃú:lu]	"manguço"
$\begin{array}{c} \diagdown \quad \diagup \\ \text{H} \end{array}$	$\begin{array}{c} \diagdown \quad \diagup \\ \text{H} \end{array}$	
/n+nsaáyo/	[N.n.tʃá:yo]	"tipo de jogo"
$\begin{array}{c} \diagdown \quad \diagup \\ \text{H} \end{array}$	$\begin{array}{c} \diagdown \quad \diagup \\ \text{H} \end{array}$	

b) fricativo alveolar surdo [ʃ] n.d.a. Exemplos:

/si+ínu/	[siyí:nu]	"coisa"
$\begin{array}{c} \diagdown \quad \diagup \\ \text{H} \end{array}$	$\begin{array}{c} \diagdown \quad \diagup \\ \text{H} \end{array}$	
/kú+sáasa/	[kúsáa:sá]	"queimar de repente e levemente"
$\begin{array}{c} \diagdown \quad \diagup \\ \text{H} \end{array}$	$\begin{array}{c} \diagdown \quad \diagup \\ \text{H} \end{array}$	

Este fonema /s/ pode variar, também, livremente, com a fricativa alvéolo-palatal surda [ʃ] em todos os casos.

Exemplos:

/si+iínu/	[siyí:nu]	~	[ʃiyí:nu]	"coisa"
$\begin{array}{c} \diagdown \quad \diagup \\ \text{H} \end{array}$	$\begin{array}{c} \diagdown \quad \diagup \\ \text{H} \end{array}$		$\begin{array}{c} \diagdown \quad \diagup \\ \text{H} \end{array}$	
/kú+sáasa/	[kúsáa:sá]	~	[kúsáa:ʃá]	"queimar de repente e levemente"
$\begin{array}{c} \diagdown \quad \diagup \\ \text{H} \end{array}$	$\begin{array}{c} \diagdown \quad \diagup \\ \text{H} \end{array}$		$\begin{array}{c} \diagdown \quad \diagup \\ \text{H} \end{array}$	

/v/ fonema fricativo lábio-dental sonoro. Foneticamente realiza-se sempre como [v]. Exemplos:

/va+aánu/ [vaá:nu] "pessoas"  
 H H

/Kú+váva/ [kúvá:va] "coçar"  
 H H

/Kú+vála/ [kúvá:la] "luar"; "ensolarar"  
 H H

/m/ fonema nasal bilabial sonoro. Apresenta sempre um alofone [m]. Exemplos:

/i+muúmu/ [imuú:mu] "alma"  
 H H

/kú+náma/ [kúná:ma] "viver"  
 H H

/n/ fonema nasal alveolar sonoro. É realizado sempre como [n]. Exemplos:

/Kú+néna/ [kúné:na] "pender"  
 H H

/Kú+néma/ [kúné:ma] "gingar"  
 H H

/i+neéma/ [ineé:ma] "felicidade"  
 H H

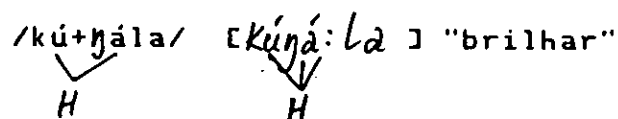
/ñ/ fonema nasal palatal sonoro. Foneticamente ocorre sempre como [ɲ]. Exemplos:

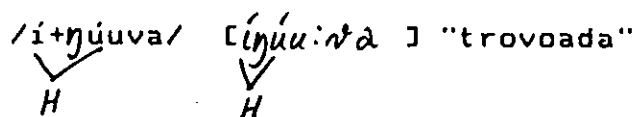
/Kú+ñáta/ [kúpa:ta] "ser(estar) feio"  
 H H

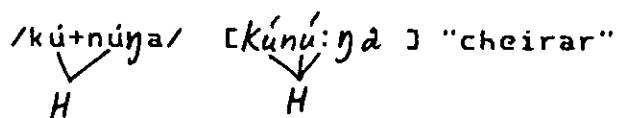
/Kú+ñéta/ [kúpe:ta] "engordar"  
 H H

/Kú+ñúña/ [kúpu:pa] "pôr uma pitada de"  
 H H

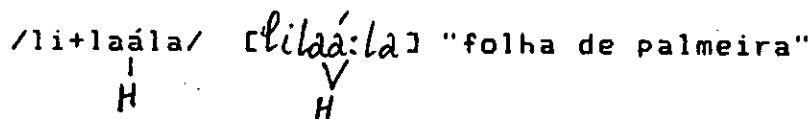
/ŋ/ fonema nasal velar sonoro. Foneticamente, ocorre sempre como [ŋ]. Exemplos:

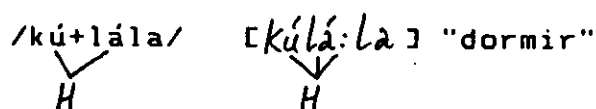
/kú+ŋála/ [kúŋá:la] "brilhar"  


/i+ŋúuva/ [iŋúu:na] "trovoada"  


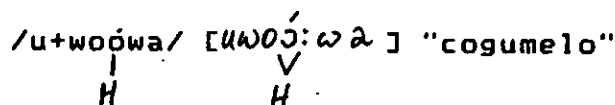
/kú+núŋa/ [kúnú:ŋa] "cheirar"  


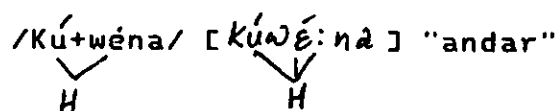
/l/ fonema lateral alveolar sonoro. Realiza-se foneticamente sempre como [l]. Exemplos:

/li+laála/ [lilaá:la] "folha de palmeira"  


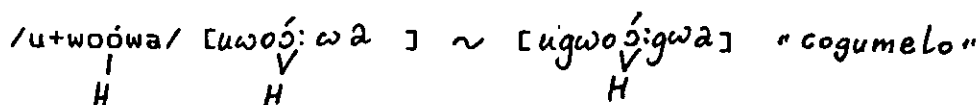
/kú+lála/ [kúlá:la] "dormir"  


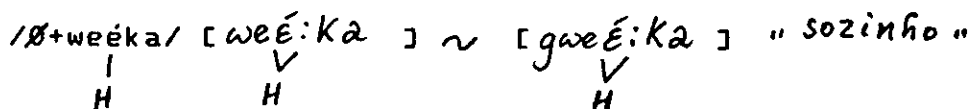
/w/ glide bilabial sonoro. Ocorre foneticamente sempre como [w]. Exemplos:

/u+woówa/ [uwoó:wa] "cogumelo"  


/kú+wéna/ [kúwé:na] "andar"  


Este fonema ocorre, também como variante [gw], dependendo da região geográfica do falante. Este caso é análogo ao fonema /y/ (conforme indicado anteriormente). Exemplos:

/u+woówa/ [uwoó:wa] ~ [úgwóó:gwá] "cogumelo"  


/Ø+weéka/ [weé:ka] ~ [gweé:ka] "sozinho"  




/prúúú.../ [ prú: ] "próprio de um vôo com batimento  
 H H respectivo de asas" (onomatopéia)

Dado o caráter idiossincrático desse grupo particular de fonemas, não nos ocuparemos de sua análise neste trabalho.

Com base na apresentação de fonemas e seus alofones, aqui feita, excluindo-se o grupo de fonemas considerados como um caso particular, têm-se o seguinte quadro fonêmico de SMAK:

#### Consoantes

Modos de articulação	Lugares ou pontos de articulação				
	bilabial	labiodental	alveol.	palat.	velar
oclusivos	P b		t d		K g
fricativos		v	s		
nasais	m		n	ñ	ŋ
laterais			l		
aproximantes	w			y	

#### Vogais

	anterior	central	posterior
alt.	i		u
méd.	e		o
baix.		a	

### 2.1.5 Quadro de ocorrências dos fonemas consonantais

Feita a apresentação geral do quadro fonêmico de SMAK, segue-se a demonstração de ocorrência de fonemas consonantais.

Em tal demonstração a exemplo do que fizemos com relação aos fonemas vocálicos, levaremos em conta os pares mínimos, homólogos e pares suspeitos. Não é de se estranhar que não apareçam em todos os casos os pares mínimos ou outros pois, SMAK se serve, também, de pares mínimos tonológicos, formando as oposições tonais como ilustrado abaixo:

Exemplos:

1.

/di+ndu/ [di:ndu] "passos"  
 H                    H

/di+ndú/ [di:ndú] "tipo de feijão"  
 H                    H

/li+aámba/ [laá:mba] "folha"  
 H                    H

/li+aámba/ [laá:mba] "manhã"  
 H                    H

/p/

/b/

/pa+aáyi/ [paá:yi] "(no) chão"  
 H                    H

/∅+baáyi/ [baá:yi] "basta"  
 H                    H

/li+páta/ [lipá:ta] "órgão central" /li+baáta/ [libaá:ta] "pato"  
 H                    H                    H                    H

/lu+paápa/ [lupaá:pa] "asa"  
 H H

/lí+bódo/ [líbó:do] "poste"  
 H H

/lí+bóbo/ [líbó:bo] "tipo de  
 H H mosca  
 tsé-tsé"

/lí+biyibu/ [líbiy:bu] "caju"  
 H H

/t/

/kú+tóta/ [kútó:ta] "costurar"  
 H H

/kú+dóda/ [kúdó:da] "catar com  
 H H o bico"

/kú+tíma/ [kútí:má] "demorar"  
 H H

/kú+díma/ [kúdi:má] "apagar  
 H H fogo"

/kú+túma/ [kútú:má] "mandar"  
 H H

/kú+dúma/ [kúdu:má] "aconselhar"  
 H H

/u+koóti/ [ukoó:ti] "pescoco"  
 H H

/u+koódi/ [ukoó:di] "tipo de tra-  
 H H balho força-  
 do"





/m/

/sβ+úuma/ [Súu:mã] "missanga"  
 H            H

/n/

/sβ+úuna/ [Súu:nã] "tira-gos-  
 H            H            to"

/kú+tima/ [kúti:mã] "demorar"  
 H            H

/kú+tina/ [kúti:nã] "fazer fia-  
 H            H            ção"

/kú+méla/ [kúmé:la] "germinar"  
 H            H

/kú+néla/ [kúné:la] "ser dengoso"  
 H            H

/ñ/

/i+ñaáma/ [iɲaá:mã] "carne"  
 H            H

/ŋ/

/i+ŋaáma/ [iɲaá:mã] "tipo        de  
 H            H            tinta"

/kú+ñúña/ [kúɲu:ɲã] "pôr uma pitada"  
 H            H

/kú+núŋa/ [kúnú:ŋã] "cheirar"  
 H            H

/kú+ñiñita/ [kúɲi:ti] "cochichar"  
 H            H

/kú+ŋúŋula/ [kúnú:lu] "monolo-  
 H            H            gar"

/l/

/lu+paápa/ [lupaá:pa] "asa"  
 H H

/u+luúlu/ [uluú:lu] "seiva"  
 H H

/kú+lála/ [kúlá:la] "dormir"  
 H H

/kú+la/ [kú:la] "despir"; "amadurecer"  
 H H

/w/

/y/

/ú+winíni/ [wíni:ni] "gengiva" /i+yeta/ [ye:ta] "anel"  
 H H

/ú+wóondo/ [wóó:ndo] "preguiça" /i+yuti/ [yu:ti] "arma"  
 H H

/kú+wéna/ [KúwÉ:na] "andar" /i+yaána/ [yaá:na] "sol matinal"  
 H H H H

/kú+púuwa/ [Kúpúu:wa] "alegrar" /i+yuúli/ [yuú:li] "fio de cabe-  
 H H H H lo branco"

CAPÍTULO III

## CAPÍTULO III

## 3. Fonêmica

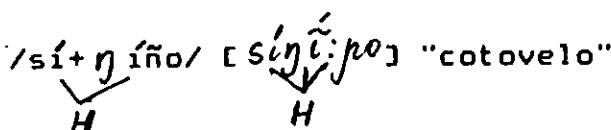
No presente capítulo, pretendemos desenvolver uma análise envolvendo, basicamente, dois aspectos: o primeiro diz respeito à vogal nasalizada e, o segundo, ao alongamento de vogal.

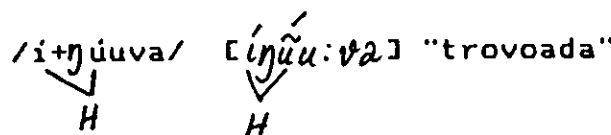
O objetivo principal desta análise é mostrar que tanto a nasalização de vogal quanto o alongamento da mesma não é contrastivo. Ambos são predizíveis na estrutura da língua.

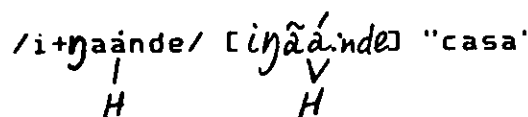
## 3.1. Vogal nasalizada

A língua SMAK só apresenta a vogal nasalizada nos casos de assimilação (influência progressiva) de consoantes nasais velar e palatal.

A vogal nasalizada é sempre aquela que segue imediatamente as referidas consoantes, como se observa nos exemplos seguintes:

/sɪ+ŋ iño/ [sɪŋĩ:po] "cotovelo"  


/i+ŋ úuva/ [iŋũu:va] "trovoada"  


/i+ŋ aánde/ [iŋãá:nde] "casa"  


/i+ŋóoŋ o/ [iŋõ:ŋõ] "matraca"  
 H H

/u+ñáádi/ [uɲãá:di] "ruga(s)"  
 H H

/i+ñuúndu/ [iɲũú:ndu] "martelo"  
 H H

/i+ñóta/ [iɲõ:ta] "sede"  
 H H

/i+ñeédi/ [iɲẽé:di] "caracol"  
 H H

Com efeito, as consoantes nasais velar e palatal produzem em todos os ambientes a nasalização de todas as vogais que as seguem.

Se se atentar para o fato de que a vogal nasalizada ocorre em SMAK apenas diante de consoantes nasais velar e palatal, uma generalização pode ser formulada nos seguintes termos:

/V/ → [ Õ ] / [ C  
 + nasal  
 - anterior ] .

### 3.2 Vogal longa

Em SMAK, o alongamento vocálico não é distintivo, uma vez que é predizível. A vogal longa, quando ocorre, tem quase sempre lugar na penúltima sílaba que antecede a pausa. Sua realização na

língua é facultativa. Pelo contrário, o tom, a intensidade e os padrões tonais têm função distintiva. Diz-se "quase sempre", porque a generalização de ocorrência de vogal longa na penúltima sílaba poderia ser o resultado de uma visão menos atenta a respeito deste fenômeno.

Primeiro, pelo fato de ser facultativa, a vogal longa não pode ser generalizada na sua realização. Segundo, estruturas do tipo CV + V+ CV, abrem possibilidades de o alongamento vocálico ter lugar na antepenúltima sílaba, antes de pausa. Este fato é ilustrado em exemplos tais como:

2.

/i+yímu/	[i:yí:mu]	"sarna"
H	H	
/li+aámba/	[la:á:imba]	"folha"
H	H	

Sem pretendermos discutir em detalhe as condições que estariam na base de alongamento de vogal em SMAK, neste ponto, julgamos necessário indicar duas situações em que a vogal longa é marcante nos dados da língua.

Uma primeira situação na qual a vogal longa ocorre é aquela em que, sendo uma estrutura CV + CV-, numa das sílabas, geralmente na penúltima, a vogal é realizada, foneticamente, longa. Exemplos:

3.

/di+ndu/ [ d<sup>i</sup>:ndu ] "passos"  
 H                    H

/di+ndú/ [ di:ndú ] "tipo de feijões"  
 H                    H

Note-se que a estrutura fonológica prescinde desse jogo entoacional reduzindo a forma de vogal longa de tipo CV; + CV para CV + CV.

Este fato indica que o alongamento de vogal é um caso de variação livre em todos os ambientes, podendo ser postulado da seguinte forma:

/ (C) V + CV/ → [ (C) V + CV ] ~ [ (C) V: + CV ], como se ilustra nos exemplos (4):

4.

/i+indú/ [ indú ] ~ [ i:ndú ] "tipo de feijão"  
 H                    H                    H

/di+indú/ [ dindú ] ~ [ di:ndú ] "tipo de feijões"  
 H                    H                    H

/i+indu/ [ ín<sup>du</sup> ] ~ [ í:nd<sup>u</sup> ] "passo"  
 H                    H                    H

/di+indu/ [ dín<sup>du</sup> ] ~ [ dí:nd<sup>u</sup> ] "passos"  
 H                    H                    H

/m + m'pila/ [ mpila ] ~ [ mpi:la ] "borracha"



/mi+pila/ [mipila] ~ [mipi:la] "borrachas"

/i+mbue/ [imbwe] ~ [i:mbwe] "grão de areia"

/di+mbue/ [dimbwe] ~ [di:mbwe] "grãos de areia"

A segunda situação de ocorrência de vogal longa em SMAK é aquela em que duas vogais idênticas e contíguas são realizadas e percebidas como fazendo parte de duas sílabas diferentes. Neste caso, embora a vogal da penúltima sílaba seja potencialmente mais longa, a de antepenúltima pode ocorrer na língua mais longa, ou não. Este caso é similar ao exemplificado em 4, indicando uma variação livre em todos os ambientes tal como segue nos exemplos abaixo (5):

5.

/i+yímu/ [iyímu] ~ [i:yú:mu] "sarna"  
 H H H

/di+iímu/ [diyímu] ~ [di:yú:mu] "sarnas"  
 H H H

/si+ndeénde/ [sindeénde] ~ [sinde:é:nde] "calcanhar"  
 H H H

/vi+ndeénde/ [vindeénde] ~ [vinde:é:nde] "calcanhares"  
 H H H

/li+aáwu/ [laáwu] ~ [la:á:wu] "vespa"  
 H H H



CAPÍTULO IV

## CAPÍTULO IV

## 4. Morfofonêmica

## 4.1 Alternância de consoantes e restrições sequenciais

Neste capítulo pretendemos examinar alguns processos morfofonêmicos, com base na estrutura interna da sílaba. Examinaremos, entre outros, os fenômenos de assimilação, nasalização, palatalização e labialização que, ocorridos juntos e/ou independentes um do outro, podem fazer com que haja perda de identidade de certas unidades fonológicas, por exemplo, perda ou inserção de fonemas. Em adição, a ocorrência de grupos consonantais palatalizados, labializados, pré-nasalizados e as restrições de ocorrência dessas seqüências vão ser interpretadas à luz dos processos morfofonêmicos, tendo-se em conta o tipo e a estrutura de sílaba. Com base numa análise distribucional, interessam-nos, para a presente análise, algumas restrições sequenciais vigentes na língua

Por exemplo, foi referido no Capítulo II, que SMAK não tem a seqüência \*/ca/\*ce/\*ci etc., salvo nos casos de empréstimo, ou quando se forma a pré-nasal consonantal homorgânica (ver 2.1.4).

Com vista a uma discussão mais detalhada sobre esses aspectos, julgamos que noções gerais devem ser colocadas a respeito de alguns dos processos acima referidos.

Tomando-se como referência os estudos de Nida (1948), assume-se que certos processos morfofonêmicos com distribuições fono-

logicamente definidas podem se refletir, em alguns casos, nas diferenças ou similaridades de certos traços de fonemas. Por exemplo, existe em SMAK uma distribuição de morfemas (classificadores) que, de modo geral, não deve afetar a forma de fonemas do radical que pospõe o seu classificador como em 6.

6.

/li+baáta/ [libaá:ta] "pato"  
           |          |  
           H          H

/ma+baáta/ [mabaá:ta] "patos"  
           |          |  
           H          H

Contudo, através de um processo de nasalização, as consoantes surdas /p/ /t/ e /k/ em radicais no início de sílaba, mudam para consoantes nasais mantendo os pontos de articulação iniciais, como se indica nos exemplos em 7.

7.

/lu+paápa/ [lupaá:pa] "asa"  
           |          |  
           H          H

/di+maápa/ [dimaá:pa] "asas"  
           |          |  
           H          H

/lu+taáno/ [lutaá:no] "conto"  
           |          |  
           H          H

/di+naáno/ [dinaá:no] "contos"  
           |          |  
           H          H

/lú+kóma/ [lúkó:ma] "varanda"  
 H H

/dí+ḡóma/ [dĩḡó:ma] "varandas"  
 H H

Este processo é condicionado pelo prefixo da classe VII (sg. lu+ e pl. di+). Uma possibilidade para descrever a variação dos fonemas nos radicais do exemplo 7, seria supor que em tais radicais os prefixos respectivos sejam lup+, dim+, lut+, dint+, luk+, diḡ+. Esta suposição é corroborada pelos exemplos tais como:

/mu+únu/ [muú:nu] "pessoa"  
 H H

/va+ánu/ [vaá:nu] "pessoas"  
 H H

/lí+ino/ [líyi:no] "dente"  
 H H

/mé+eno/ [méé:no] "dentes"  
 H H

No entanto, a variação dos fonemas no radical dos últimos exemplos é explicada pela disseminação da vogal no radical. Na verdade, tem-se /muú+nu/, /vaá+nú/, etc. Se se aplicar o mesmo raciocínio para os exemplos 7, seria propor para o prefixo uma estrutura H CVC+—, para nós contraintuitiva. Preferimos deixar discussão em aberto, por enquanto.

Entendendo o processo de assimilação como sendo aquele através do qual dois fonemas diferentes partilham uns dos seus traços e se tornam similares, vamos analisar a ocorrência de seqüências

pré-nasais em SMAK, que podem ser descritas como o resultado de processos assimilatórios.

Com vista à ilustração do que acabamos de afirmar, vamos observar o comportamento de algumas propriedades morfofonêmicas das classes nominais. Interessa-nos, numa primeira fase, o exame de alguns casos que apresentam a variação de certos fonemas consonantais. Tal exame pretende, por um lado, indicar a ocorrência do fenómeno de variação em si e, por outro, tentar encontrar uma resposta, no quadro mais geral de análise fonológica sobre duas questões:

1. determinar a direcção da mudança;
2. encontrar algumas causas dessa mudança. Para isso, escolhemos três classes (categorias), a saber, I, II e VII, por apresentarem os casos mais comuns de variação fonêmica em SMAK. Para a referida análise assumiu-se que a pré-nasal é representada por  $\underline{m}$  antes de consoantes oclusivas bilabiais figurando como  $\underline{n}$  antes das demais consoantes, embora tenha sido considerado um só fonema (N). A nasal silábica foi escrita  $\underline{m}$ ,  $\underline{n}$ , embora considerado um único fonema (N.), seguindo a convenção.

#### Classe I

Singular: /mu/ (m, mu, n)

Plural: /va/





/vá+dióko/ [vádyó:ko] "crianças"

n+k → N+nk: /n+nkóongue/ [n.nkóongwe] "mulher"

/va+koóongue/ [vákoó:ngwe] "mulheres"

n+g → N+ng: /n+ngága/ [n.ngá:ga] "tipo de mosca tsé-tsé"

/vá+ngága/ [vángá:ga] "tipo de moscas tsé-tsé"

n+y → N+nj: /n+njúungu/ [n.njúu:ngu] "branco"

/vá+yúungu/ [vájúu:ngu] "brancos"

n+y → ∅: /∅+áyáala/ [áyáa:la] "mãe"

/vá+áyáala/ [váyáa:la] "mães"

\*n+v

n+s → N+ns: /n+nsuúngu/ [n.nťsuú:ngu] "não iniciado"

/va+suúngu/ [vasuú:ngu] "não iniciados"

m+m → N+m: /m+mádengo/ [m.máde:nga] "trabalhador"

/vá+mádengo/ [vámáde:ŋgo] "trabalhadores"  
 H H

n+n → N+n: /ŋ+neémba/ [ŋ.neé:mba] "rapaz"  
 H H

/va+neémba/ [vaneé:mba] "rapazes"  
 H H

n+ŋ → N+ŋ: /ŋ+ŋúnda/ [ŋ.ŋú:nda] "pombo"  
 H H

/vá+ŋúnda/ [vãŋú:nda] "pombos"  
 H H

n+l → N+n: /ŋ+núme/ [ŋ.nú:me] "homem"  
 H H

/vá+lúme/ [vãlú:me] "homens"  
 H H

\* /vá+núme/

A observação dos exemplos da classe I, mostra que ocorrem cinco casos distintos:

a) N+C → CVvsCV+CV, com fonemas /p/, /b/, /t/, etc.

b) N+C → NCvsCV+NC, com fonemas /b/, /t/, /g/, etc.

c) N+C → NCvsCV+CV, com fonemas /d/, /k/, /y/, /s/ e /l/.

d) N+V → VvsCV+V, com fonema /a/.

e) \*N+C → com o fonema /v/.

Isto é, em alguns casos  $N + C \rightarrow NC$ , em outros,  $N + C \rightarrow \emptyset$  e em outros ainda \*N + C. Uma questão que se coloca é de se saber se, efetivamente, ocorrem consoantes pré-nasalizadas em SMAK. A resposta não nos parece fácil. De momento, faremos algumas suposições que merecerão maior atenção em 5.1.3, deste capítulo. Por um lado, constata-se que os grupos consonantais pré-nasais, do tipo NC, são fruto de co-ocorrência de /N/ e C, como se observa em c). Se este é o caso, podemos supor que, primeiro, SMAK é uma língua na qual existem grupos consonantais pré-nasalizados. Por outro lado, realizações NC são dadas já assimiladas no radical como se verifica no caso b), o que nos permite afirmar, segundo, que a língua SMAK não apresenta consoantes pré-nasais. A teoria não nos fornece nenhuma explicação sobre o fenómeno de grupos "pré-nasais" assimilados na base o que deixamos colocado como um problema a ser resolvido futuramente. Cabe referir que este fenómeno é, em termos teóricos, similar ao indicado nos exemplos 7, em que a nasal pode ser explicada em função do prefixo, ou aparece "flutuante" na estrutura.

Em adição, constata-se o caso de  $n + l$  que resulta em  $N + n$ , o que, em termos de direção de mudança fonológica, pode-se indicar de forma seguinte:  $l \rightarrow n$ .

Objetivando aprofundar essa análise, observaremos a classe II (sg. /mu+/, (m,mu,n) (pl. /mi+//)

Exemplos:

9.

m+p → N+mp: /m+mpila/ [m.mpi:la] "borracha"

/mi+pila/ [mipi:la] "borrachas"

\*m+b :

n+t → N+nt: /n+ntéla/ [n.nté:la] "remédio"

/mi+téla/ [mité:la] "remédios"

n+d → N+nd: /n+ndéya/ [n.ndé:ya] "amendoim"

/mi+déya/ [midé:ya] "amendoins"

n+k → N+nk: /n+nkóno/ [n.nkó:no] "braço"

/mi+kóno/ [mikó:no] "braços"

n+g → N+ng: /n+ngéela/ [n.ngé:la] "mangueira"

/mi+ngéela/ [mingé:la] "mangueiras"

n+y → N+nj: /n+njúluku/ [n.njúlu:ku] "dinheiro"

/mi+yúluku/ [mijúlu:ku] "dinheiros"

\*n+v :

n+s → N+n̄ : /n̄+nsila/ [ n̄.n̄tʃi:la ] "cauda"  
 H H

/mí+sila/ [ misí:la ] "caudas"  
 H H

\*n+m :

n+n → N+n : /n̄+naádi/ [ n̄.naá:di ] "coqueiro"  
 H H

/mí+naádi/ [ minaá:di ] "coqueiros"  
 H H

\*n+ñ :

\*n+ŋ :

n+l → N+n : /n̄+naángo/ [ n̄.naá:ŋgo ] "vão da porta"  
 H H

/mí+laángo/ [ milaá:ŋgo ] "vãos da porta"  
 H H

A classe II indica a existência de três casos diferentes:

a) N+C → NCvsCV+CV, com fonemas /p/, /t/, /d/, /k/, /g/, /s/, /n/, e /l/;

b) N+C → NCvsCV+NC, com o fonema /g/

c) \*N+C, com fonemas /b/, /v/, /m/, /ñ/ e /ŋ/.

Situação similar à primeira é verificada com relação a NC, que pode ser explicado como co-ocorrência de /N/ e C em a), mas não fica explicado com relação a NC, dado no radical em b). Tal como foi visto na classe I,  $n+l \rightarrow n+n$ , a classe II mostra que  $l \rightarrow n$ .

Finalmente, examinaremos a classe VII, cujo singular é /lu+/  
e plural /di+/.

Como foi referido nos exemplos 7, esta classe caracteriza-se pela variação de fonemas consonantais surdos do radical na forma singular, com a respectiva nasal de igual ponto de articulação na forma plural. Esta variação foi assumida, numa primeira fase, como sendo  $p \rightarrow m$ ;  $t \rightarrow n$ , etc.

Exponhamos tais casos a um exame mais profundo.

10.

lu+p: /lu+paápa/ [ lupáá:pa ] "asa"  
           |                  |  
          H                  H

/di+maápa/ [ dimaá:pa ] "asas"  
           |                  |  
          H                  H

\*/di+paápa/

\*/lu+maápa/

\*lu+mp:

lu+b: /lú+béga/ [ lúbé:ga ] "tipo de traje"  
           H                  H

/dí+béga/ [ díbé:ga ] "tipo de trajés"  
           H                  H

\*/dí+méga/

\*/lú+méga/

lu+mb: /lu+mbaáú/ [ lumbaá:u ] "costela"  
           H                  H

/dí+mbaáú/ [ dímbaá:u ] "costelas"  
           H                  H

lu+t: /lu+taáno/ [ lutaá:no ] "conto"  
           H                  H

/dí+naáno/ [ dinaá:no ] "contos"  
           H                  H

\*/lu+naáno/

\*/dí+taáno/

\*lu+nt:

lu+d: /lu+deéya/ [ ludeé:ya ] "aldeia"  
           H                  H

lu+nd: /lu+nduúya/ [ lunduú:ya ] "pena"  
          H                  H

          /di+nduúya/ [ dinduú:ya ] "penas"  
                  H                  H

lu+k: /lú+kúni/ [ lúkú:ni ] "lenha"  
          H                  H

          /dí+ŋúni/ [ díŋú:ni ] "lenhas"  
                  H                  H

\*/dí+kúni/

\*/lú+ŋúni/

\*lu+nk:

\*lu+g:

lu+ng: /lu+ngaáyo/ [ lungaaá:yo ] "pé"  
          H                  H

          /di+ngaáyo/ [ dingaaá:yo ] "pés"  
                  H                  H

lu+y: /lú+yéeye/ [ lúyée:ye ] "maxilar"  
          H                  H

          /dí+njéeye/ [ djíŋjée:ye ] "maxilares"  
                  H                  H

lu+v: /lu+voóla/ [ luvooó:la ] "ferrão"  
          H                  H



/di+voóla/ ? [ *divoó:la* ] "ferrões"  
 H H

\*/di+moóla/

lu+s: /lú+síya/ [ *lúsí:ya* ] "raiz"  
 H H

/dí+ñíya/ [ *dípi:ya* ] "raízes"  
 H H

\*lu+m :

\*lu+n :

\*lu+ŋ :

lu+l: /lú+lími/ [ *lúlí:mi* ] "língua"  
 H H

/dí+ndími/ [ *díndí:mi* ] "línguas"  
 H H

Poder-se-ia supor, a partir dos exemplos da classe VII, que o processo envolvido na mudança de fonemas /p/, /t/ e /k/, aqui indicado fosse diferente daquele que mostra que l→n. Um argumento forte para essa suposição é que a variação da classe VII é condicionada pelos prefixos de classe (sg.lu+ e pl.di+), e somente com esses prefixos essa variação é possível, afetando /p/, /t/ e /k/. Isto significa que essas mudanças podiam ser descritas na base de processos morfológicos. Se é verdade, todavia um argumento contra pode ser colocado. Olhando para os exemplos anteriores,

constata-se que tais fonemas não apresentam nesta classe a pré-nasal consonantal homorgânica assimilada no radical. Além disso, os fonemas que apresentam a pré-nasal consonantal homorgânica assimilada na base não estão sujeitos a essa variação, como nos casos seguintes:

11.

/lu+mbaáú/ [ lumbaá:ú ] "costela"  
           |                  |  
           H                  H

/di+mbaáú/ [ dimbaá:ú ] "costelas"  
           |                  |  
           H                  H

/lu+nduúya/ [ lunduú:ya ] "pena"  
           |                  |  
           H                  H

/di+nduúya/ [ dinduú:ya ] "penas"  
           |                  |  
           H                  H

/lu+ngaáyo/ [ lungaaá:yo ] "pé"  
           |                  |  
           H                  H

/di+ngaáyo/ [ dingaaá:yo ] "pés"  
           |                  |  
           H                  H

Se se levar até às últimas conseqüências a formulação da hipótese, segundo a qual, o alomorfe de lu+ é dim+, como sugerido em 7, um paralelismo deve ser encontrado nos exemplos 11, como se ilustra:

/lum+baáú/

/dim+baáú/, etc. Mas tal hipótese é inconsistente, porque não explica a não ocorrência de \*/lum+paápa/, por exemplo.

Desse fato, decorrem as seguintes conclusões preliminares:

i) quando o fonema é oclusivo sonoro na (classe VII), apresenta uma pré-enasal consonantal assimilada na base; ii) a variação de fonemas da classe VII é o resultado de processos morfonêmicos que captam a harmonia da nasal entre os oclusivos sonoros (que formam NC na base) e oclusivos surdos (que passam a N mantendo o primeiro ponto de articulação). Supondo que o normal seria uma mudança fonológica do tipo  $K \rightarrow$  ,  $l \rightarrow n$ , poder-se-ia, por analogia, dizer

que  $p \rightarrow m$

$t \rightarrow n$

$k \rightarrow \eta$

$s \rightarrow \tilde{n}$ , como exemplificado em 10.

Mas não temos certeza sobre se esta suposição explica satisfatoriamente os casos que estamos analisando.

Com efeito, se os processos morfonêmicos captam a harmonia da nasal como sugerido acima, admitir que

$NC \rightarrow NC$  e

$C \rightarrow N$

é apenas um resultado da análise feita por analogia. Poder-se-ia supor que para esses casos, com vista a captar a harmonia de nasal entre fonemas oclusivos sonoros e surdos, a variação se efe-

tivaria como sugerido abaixo:

m → P

n → t

ŋ → k

ñ → s.

Isto significa dizer que, para captar o processo de harmonia de nasal, os fonemas nasais se desnasalizam, matendo o seu ponto inicial de articulação:

NC → C

N → C.

Em suma, nossa intenção neste ponto foi tentar analisar os processos envolvidos em certo tipo de mudanças morfofonêmicas e, sem pretender encontrar resposta definitiva acerca das mesmas, colocar alguns problemas que requerem maior atenção.

Supondo que a determinação do sentido de mudanças se desse nos dois sentidos, devemos tentar responder à segunda questão, colocada no início da presente análise. Que causas poderiam estar na base dessas mudanças? Podem ser várias. Indicaremos algumas, a partir de suposições por nós já feitas. As mudanças fonêmicas até aqui analisadas podem resultar de a) processos assimilatórios, b) nasalização, c) desnasalização e d) processos morfofonêmicos.

Note-se, que para o caso do tipo n+l, cuja realização fonética em SMAK é /N/, existem cognatos em outras línguas Bantu. Por exemplo, em Ki-Swahili, onde n+l → [ml-] como em /m+lango/ [mlango] "vão da porta", enquanto que em SMAK, como vimos, n+l → n+n, como em 12.

/n+naángo/ [  $\eta$ .naá:ŋgo ] "vão da porta"  
 H H

/mi+laángo/ [ mi.laá:ŋgo ] "vãos da porta"  
 H H

/n+núme/ [  $\eta$ .nú:me ] "homem"  
 H H

/vá+lúme/ [ v.álú:me ] "homens".  
 H H

Este fato indica que semelhanças tipológicas podem ajudar a explicar alguns dos problemas numa análise lingüística que se proponha a dar resposta a alguns desses fenômenos.

#### 4.2 - Perda de fonemas

Em SMAK, quando dois morfemas ocorrem próximos um do outro, um deles - ou ambos - podem perder um ou mais dos seus fonemas. O fenômeno de perda de fonemas se reflete na redução e "fusão" simultâneas, sendo que a combinação preserva a forma básica. Além disso, a perda de fonemas pode ser acompanhada do processo de assimilação. Para exemplificar o caso de perda de fonemas em SMAK, escolhemos, o seguinte exemplo:

13.

# n+nkúulu #+# wá + angu #  
 | | | |  
 "clas. grande pref. eu"  
 (I sg.) pron.  
 poss.

C+CCV.V.CV.H+HCV+V.CCVH  
 [ŋ.ŋkúu:lu wáa:ŋgu]  
 H H

# vá+kúulu#+#vé + etu#  
 | | | |  
 "clas. grande pref. nós"  
 (I pl.) pron.  
 poss.

HCV+CV.V.CV.H+HCV+V+CV.H  
 [vákúu:lu vé:tu]  
 H H

Essas formas aparecem após a perda de fonemas, como indicado em 14, sendo, respectivamente,

HC+CCV.CCV.CCVH  
 #n+nkúuɓlɔ#+#wɔ+áŋgu# [ŋ.ŋkúu:wá:ŋgu] "meu irmão mais velho"  
 H H

#vá+kúuɓlú+#vɔ+etu# [vákúu:vé:tu] "nossos irmãos mais velhos".  
 H H

Como se pode depreender através dos exemplos acima, a língua reduziu o número de formas /u/, /a/, e /e/. É de se notar ainda que a perda de fonemas nestes exemplos resulta, além dos processos anteriormente indicados, também, da necessidade de preserva-

ção dos padrões tonais. Como veremos no item 5.1.2, este fenômeno resulta de um tipo de acento ou de aplicação de um conjunto de regras de acento e está relacionado com a posição da vogal e o tipo de sílaba.

Desses fatos, infere-se que, além de assimilação e perda de fonemas, ocorre em SMAK, um outro tipo de assimilação - desassimilação: a tonológica que, dependendo do tipo de prefixo e a sua relação morfofonêmica com o seu núcleo, aquele pode ter um ou dois alomorfes, fazendo com que os padrões tonais sejam alterados. Assim, por exemplo, em /Ø+nguééle/ [ŋ.ŋwéé:le] "macaco", adicionando-se ao núcleo os prefixos /i+/, e /di+/, o padrão tonal não varia nas duas formas, ao contrário do que acontece com o morfema classificador /va+/, que modifica o padrão tonológico. Na verdade, esta variação do padrão tonal é originada, como veremos no capítulo seguinte, pela relação morfotonológica entre a posição do acento de intensidade e tom alto no radical e as possibilidades de se vincular ou não o acento com prefixo de classe do radical respectivo.

14.

/i+nguééle/	[iŋwéé:le]	"macaco"
 H	V H	
/di+nguééle/	[diŋwéé:le]	"macacos"
 H	V H	
/vá+nguééle/	[váŋwéé:le]	"macacos"
V H	V H	

#### 4.3. - Palatalização e labialização

Procederemos, aqui, a uma análise rápida dos processos de palatalização e labialização à luz dos processos morfofonêmicos.

4.3.1 - Palatalização: consiste na reposição de um fonema consonantal em posição mais palatal, devido à presença de uma vogal /i/ ou de aproximante /y/. Exemplos:

15.

/li+uúndi/ [ luú:ndi ] "nuvem"  
           |          |  
           H          H

/i+yeta/ [ ye:ta ] "anel"

/di+yeta/ [ dye:ta ] "anéis"

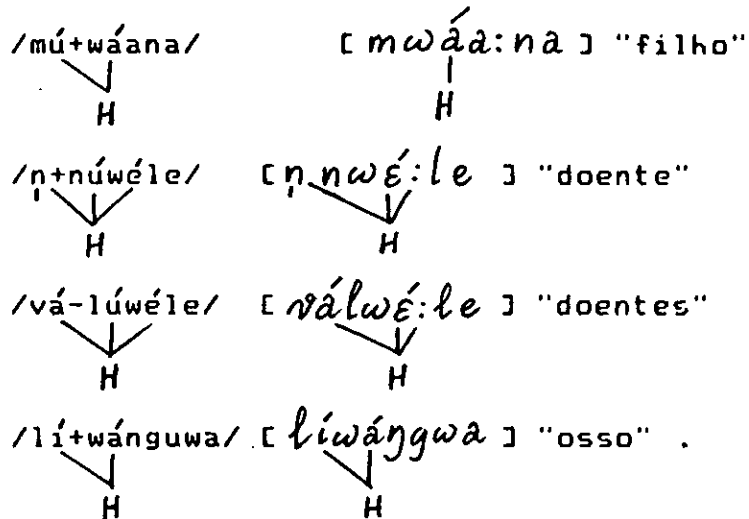
/ŋ+ndióko/ [ ŋ.ndyó:ko ] "criança"  
           |          |  
           H          H

/li+diuúka/ [ lidyuú:ka ] "loja"  
           |          |  
           H          H

4.3.2 - Labialização: fenômeno através do qual um fonema consonantal é repostado à posição mais bilabial, em decorrência da presença de uma vogal /u/ ou de aproximante /w/. Exemplos:



16.



Como se pode ver, tanto a palatalização quanto a labialização ocorrem com prefixos e com radicais. Todavia, esses processos não se dão com todos os fonemas. É o que tentaremos mostrar a seguir em função da SÍLABA, SUA ESTRUTURA INTERNA E AS RESTRIÇÕES de grupos consonantais.

### 5 - Sílaba e sua estrutura interna

As definições de sílaba são várias e, por vezes, contraditórias. Em geral, tais definições estão relacionadas com a visão teórica que se tem sobre as línguas humanas. Não se pretende, aqui, fazer um estudo exaustivo sobre conceito tão complexo, mas sim, buscar uma base geral que sirva de referência para uma discussão inicial dos processos que nos propomos analisar.

Pike (1943), com relação à sílaba, afirma ser a mesma, *cic.*

"uma unidade de movimento único de um espaço aberto e "iniciador" que inclui apenas um "cume" de fala; esse cume envolve, também, a proeminência entendida, esta última, como sonoridade de fonema, duração, acento, entoação ou a combinação de uns desses traços".

Não há dúvida de que, segundo essa concepção estruturalista, a sílaba não é vista como uma estrutura lingüística hierárquica, que permite dar conta de certos processos em termos das relações entre seus constituintes (Goldsmith, 1976).

Quando observamos a língua SMAK, notamos que sua estrutura básica é CV+CV, o mesmo que NCV+NCV (CCV+CCV).

Os nossos exemplos anteriores arrolados em 11, 13, 14, 15, 16 e 17 mostram que NC vs CV+NC e NC vs CV+NC são estruturas fonológicas diferentes, cujos processos morfofonêmicos irão fazer com que a perda de identidade de cada elemento se reflita na organização interna diferente. Assim, cada caso acima indicado obedecerá à seguinte configuração:

17.

$\begin{array}{c} /ø+mbúdi/ \\ \diagdown \quad \diagup \\ \quad \quad H \end{array}$	[	$\begin{array}{c} m̄mbú:di \\ \diagdown \quad \diagup \\ \quad \quad H \end{array}$	]	"cabra"
$\begin{array}{c} /vá+mbúdi/ \\ \diagdown \quad \diagup \\ \quad \quad H \end{array}$	[	$\begin{array}{c} vâmbú:di \\ \diagdown \quad \diagup \\ \quad \quad H \end{array}$	]	"cabras"

/ø+ngéela/ [ŋ.ŋgēe:la] "mangueira"

/mi+ngéela/ [mĩngéé:la] "mangueiras".

### 5.1 - Alterações seqüenciais e restrições em SMAK

Foi referido (ver 4) que as alterações seqüenciais em SMAK estão relacionadas a processos morfofonêmicos. Aqui, procederemos à análise de algumas alterações de seqüências de SMAK, ligadas a processos ora envolvendo o condicionamento de ambientes fonológicos (posição de sílaba, sua estrutura, qualidade da vogal sujeita a alteração), ora o tipo de morfema (prefixo) de classe (junturas).

Contudo, não se deve tirar conclusões definitivas sobre todas as alterações seqüenciais de SMAK, como estando unicamente na base de processos morfofonêmicos. Com efeito, foram encontrados casos nos quais, em final de palavra, /e/, /i/, /o/ e /u/, variam livremente, como nos exemplos que seguem:

18.

/li+uúndi/ [luú:ndi] ~ [luú:nde] "nuvem"

/lu+uúndi/ [luú:ndi] ~ [luú:nde] "rio"



Na presente análise, embora se faça breve alusão às seqüências palatalizadas e labializadas, é feita uma discussão mais aprofundada sobre as seqüências pré-nasalizadas, dado julgarmos terem estas relação direta com a distribuição de tons na língua em estudo.

### 5.1.2 - Seqüências palatalizadas e labializadas

Conforme referido anteriormente, constata-se na língua SMAK a existência de seqüências consonantais palatalizadas e labializadas. Foi ainda, embora de forma geral, definido o contexto em que tais seqüências ocorrem (ver 4.3).

Em estudos anteriores sobre a língua (NELIMO, 1989: 19-24) têm sido propostas análises que consideram tais seqüências como fonemas.

Até o presente, não temos certeza da existência ou não, de oposição fonológica do tipo /p/: /py/, /t/: /ty/, /p/: /pw/, /t/: /tw/, etc, que não envolva regras maiores de associação, tais como as regras de acento.

A caracterização dos ambientes fonológicos em que seqüências palatalizadas e labializadas ocorrem passa pela validação da hipótese de "regras de associação de acento" que dizem que, cic.

"regras de associação de acento podem fazer com que certas vogais ou sílabas sejam mais proeminentes ou "distintivas". (Gondsmith, 1976: 116-148).

Tentaremos desenvolver nossa análise com base nessa hipótese, através da formulação de duas hipóteses interligadas. Ambas hipóteses captam o aspecto que estabelece a existência de linhas de associação entre os elementos de uma estrutura lingüística.

A primeira hipótese sobre a ocorrência de seqüências palatalizadas e labializadas em SMAK tem a ver com o tipo de estrutura  $C_1V_\alpha + C_2V_\beta$ , sendo que  $V_\alpha$  pode ser, uma vez /i(y)/ e  $C_2$  igual a /y/, outra vez,  $V_\alpha$  pode ser /u(y)/ e  $C_2$  igual a /w/, respectivamente. Isto é,  $C_i+yV$  ou  $C_u+wV$ .

Nesta situação, as vogais altas  $V_\alpha$  que não recebem a proeminência caem, resultando seqüências palatalizadas e labializadas respectivas, como é indicado em a) e b):

$$a) C_1V_\alpha + C_2V_\beta \longrightarrow C_1\emptyset + yV$$

$$b) C_1V_\alpha + C_2V_\beta \longrightarrow C_1\emptyset + wV$$

Isto equivale a afirmar que existem dois tipos de estruturas silábicas, conforme a organização hierárquica dos constituintes:  $CV+CV$  e  $CCV+(C)CV$ .

A partir do indicado em a) e b), podemos concluir ser este um dos casos que envolve a perda de fonemas na estrutura da língua, como pode ser visto em a') e b'):

$$a') /i/ \longrightarrow [\emptyset] / \text{---} y$$

b') /u/ → [ø]/ — w

Seguem-se alguns exemplos:

19.

/i+yeta/ [ ye:ta ] "anel"

/di+yeta/ [ dye:ta ] "aneis"

/í+yúndu/ [ yú:ndu ] "nó"  
 H H

/dí+yúndu/ [ dyú:ndu ] "nós"  
 H H

/mú+wóondo/ [ mwó:ndo ] "pregricoso"  
 H H

/mú+wáaka/ [ mwáa:ka ] "ano"  
 H H

/mí+yáaka/ [ myáa:ka ] "anos".  
 H H

Com base na estrutura interna da sílaba dos exemplos acima, e considerando a') e b'), temos, ora (C)V+CVCV ou CV+CV(C)CV ora CCV+(C)VCV ou CCV+(C)VCCV.

Esta primeira interpretação, baseada na perda de formas, embora pareça dar conta do fenômeno em análise, não é totalmente satisfatória, na medida em que não leva em consideração outros aspectos morfofonêmicos envolvidos na perda de fonemas como, por

exemplo, a forma dos referidos fonemas e sua proeminência relativa na estrutura da língua. Nesse sentido, uma explicação que dê conta não só da perda de fonemas em seqüências palatalizadas e labializadas, mas também da ocorrência desse tipo de seqüências consonantais e respectivas restrições com base na estrutura interna da sílaba em que essas seqüências ocorrem é aquela que capta os traços que melhor distinguem as unidades fonológicas. Por exemplo, em SMAK não ocorre palatalização com os fonemas /k/, /g/ e /ŋ/. Daí, a necessidade de formulação da segunda hipótese ligada à primeira.

A segunda hipótese relacionada com os fenômenos em discussão, baseia-se na noção de sistemas acentuais que as diferentes línguas possuem. Com base na noção de sistemas acentuais, SMAK pode ser caracterizada como língua contendo, basicamente, dois tipos de sistema de acento: o ligado à estrutura morfológica e aquele que se liga à proeminência (distintiva) de sílaba. Esta proeminência tem como correlato em SMAK a duração (curta vs longa), tom alto e acento de intensidade ou "peso".<sup>1</sup>

Com base nesta hipótese, a ocorrência de seqüências palatalizadas e labializadas em SMAK pode ser explicada captando-se a estrutura de sílaba e as regras de linhas de associação de acento. Uma formulação mais precisa desta segunda hipótese pode ser resumida nos seguintes termos: formam-se em SMAK, seqüências consonantais palatalizadas e labializadas, quando as vogais altas /i/ e /u/ ocorrem breves, não recebem proeminência e são seguidas de uma vogal proeminente. Neste caso, a proeminência da vogal imediatamente seguinte a vogal não acentuada (ou não proeminente)



passa para o domínio da sequência anterior, conforme indicado em c) e d):

$$c) C\check{V}_{(i)} + \acute{U} \rightarrow C\check{V} + \acute{U}$$

$$d) C\check{V}_{(u)} + \acute{U} \rightarrow C\check{V} + \acute{U}$$

Esta visão a respeito de seqüências palatalizadas e labializadas não advoga como necessário o processo de perda de vogais para explicar esses fenômenos. No entanto, prediz de forma mais geral sobre esses fatos, tornando evidente que a proeminência relativa está ligada à estrutura interna da sílaba. Formulada a questão deste modo, parece-nos que, ao mesmo tempo que se explicam os processos morfofonêmicos que estão na base da ocorrência de seqüências consonantais, faz-se predição de outros processos que se ligam à organização interna de constituintes da sílaba, tais como processos morfofonêmicos e morfotonológicos.

Alguns exemplos ilustram os fatos indicados em c) e d):

20.

/Ø+míyáadi/ [ myáa:di ] "sangue"  
           |  
           H

/si+tiyatiya/ [ siya:tya ] "tipo de instr. musical"

/mú+wáana/ [ mwáa:na ] "filho(a)"  
           |  
           H

/ŋ+núwéle/   H	[ ŋ.nwé:le ]	"doente"
/ŋ+nuwéle/   H	[ ŋ.nweé:le ]	"está doente"
/kú+túwála/   H	[ kútwá:la ]	"levar embora"
/kú+tuwa/   H	[ kú:twa ]	"pilar".

Os exemplos anteriores mostram que, apesar da perda de certos fonemas existem, na língua, processos que interagem no sentido de preservar os traços lingüísticos mais significativos. Se esta última hipótese é sustentável a partir dos dados que estamos analisando, podemos concluir que a ocorrência de seqüências consonantais palatalizadas e labializadas em SMAK é o resultado da aplicação de um conjunto de regras morfofonêmicas, morfotonêmicas, regras de marcação de acento (proeminência distintiva), silabificação e, finalmente, palatalização e/ou labialização.

Julgamos ter podido mostrar que os fenômenos de palatalização e labialização, comuns em SMAK, não corroboram para que se tome as seqüências consonantais respectivas como fonemas mas, sim, como o resultado da aplicação de regras de acentuação e outras, no nível em que linhas de associação entre diferentes elementos permitem interpretar fonologicamente, seqüências consonantais.

### 5.1.3 - Pré-nasalização e nasal silábica

Embora tenhamos assumido estudos anteriores para descrever o quadro fonêmico consonantal de SMAK, devemos admitir que em tais estudos permanecem, ainda, algumas interrogações a respeito dessa descrição. Como foi demonstrado (exemplos 10, 11, 13 e 14), fica difícil explicar a ocorrência de seqüências NC, uma vez que, às vezes, as seqüências NC são realizadas já assimiladas na base e, outras vezes, resultam da co-ocorrência de N+C (ver exemplos arrolados em 8).

Além disso, uma das questões fundamentais que subsiste nos referidos estudos, relaciona-se ao fato de não se ter demonstrado com clareza, se a nasal silábica, que se transcreve /N/, pode ocorrer antes de consoante bilabial, como fonema diferente de consoante pré-nasal consonantal homorgânica (N).

A análise deste aspecto parece-nos importante, porquanto relaciona-se à distribuição de tons em SMAK. Em consequência disso, vamos assumir nesta análise a distinção entre a pré-nasal consonantal homorgânica e a nasal silábica (NC ≠ N).

#### 5.1.3.1 - Pré-nasalização

Antes de prosseguirmos na nossa análise sobre as seqüências consonantais pré-nasalizadas, convém recordar que SMAK distingue quatro tipos de nasalidade segundo os pontos de articulação: nasal bilabial /m/, alveolar /n/, palatal /ɲ/ e velar /ŋ/.

Alguns Exemplos:

21.

/m/ : /n/

/ñ/ : /ŋ/

/kú+néma/ [kúné:ma] "gingar" /i+ñaáma/ [ipaá:ma] "carne"

/kú+néna/ [kúné:na] "pender" /i+ñaáma/ [inaá:ma] "tinta"

/kú+súma/ [kúsú:ma] "comprar" /kú+ñála/ [kúñá:la] "murchar"

/kú+súna/ [kúsú:na] "cuspir" /kú+ŋála/ [kúŋá:la] "cintilar"

/sɸ+úuma/ [súu:ma] "missanga" /kú+ña/ [kú:pa] "defecar"

/sɸ+úuna/ [súu:na] "tira-gosto"

As seqüências consonantais pré-nasalizadas, de ora em diante, também designadas NC ou NX, formam oposição NC : C, como resultado de co-ocorrência de nasal (N) e consoante (C). Em SMAK, os grupos consonantais NC também se formam como consequência de assimilação de nasal na base.

Ressalte-se que, em SMAK, não ocorrem seqüências consonantais em final de palavra ( — CC/ — #). À exceção dos fonemas /v/ e /l/, os demais fonemas consonantais formam NX, que figuram na forma assimilada na base, como mostramos em 4.1 acima e ilus-

tramos, aqui, com alguns exemplos.

22.

mp- /n+námpuúka/ [n.námpuú:ka] "pâncrea"  
H H H H

/vá+námpuúka/ [v.námpuú:ka] "pâncreas"  
H H H H

/vá+ná+puúka/ [v.nápuú:ka] "sair de uma toca"  
H H H H

mb- /i+mboóma/ [imboó:ma] "vibora"  
H H

/i+boóma/ [iboó:ma] "(sede de) governo"  
H H

ng- /kú+ngálóla/ [kúngáló:la] "escorrer"  
H H

/kú+gálóla/ [kúgáló:la] "trancar"  
H H

/li+ngoóngo/ [lingoó:ngo] "trança de cabelo"  
H H

/lí+góngo/ [lígo:ngo] "causa"  
H H

/lí+gógo/ [lígo:go] "tronco de madeira"  
H H

NX, sendo que /NC/: /C/, conforme ilustrado.

Por um lado, NX pode ocorrer segundo uma relação NC, como indicado em 22, e, por outro, como sendo o resultado de N+C como segue em 23:

23.

a) m+p  $\longrightarrow$   $\underset{|}{m}+mp$ : / $\underset{|}{m}+mpila$ / [  $\underset{|}{m}.mpi:la$  ] "borracha"

/mi+pila/ [  $mi:pi:la$  ] "borrachas"

\*/mi+mpila/

b) m+b  $\longrightarrow$   $\underset{|}{m}+mb$ : / $\underset{|}{m}+mbodo$ / [  $\underset{|}{m}.mbo:do$  ] "grátis"

c) n+t  $\longrightarrow$   $\underset{|}{n}+nt$ : / $\underset{|}{n}+ntíma$ / [  $\underset{|}{n}.ntí:ma$  ] "coração"

/mí+tíma/ [  $mití:ma$  ] "corações"

\*/mí+ntíma/

d) n+d  $\longrightarrow$   $\underset{|}{n}+nd$ : / $\underset{|}{n}+ndídi$ / [  $\underset{|}{n}.ndí:di$  ] "corda"

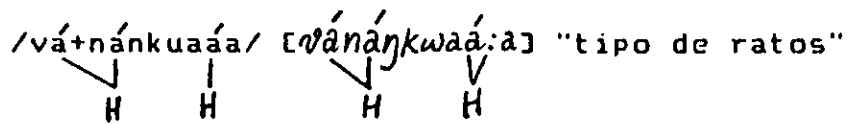
/mí+dídi/ [  $midí:di$  ] "cordas"

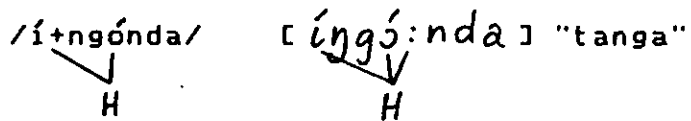
\*/mí+ndídi/

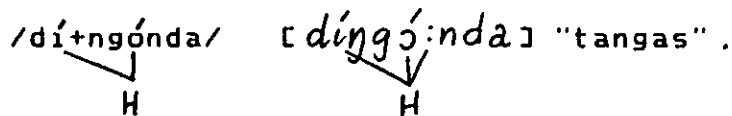
Diante de tais fatos, e atendendo ao exposto nos itens 4 e 5 do presente capítulo, podemos afirmar que os processos de assimilação envolvendo a nasalidade, em SMAK, compreendem dois fonômenos distintos: 1) assimilação intermorfêmica de nasal (A.I.N.). Nossos dados mostram que A.I.N. ocorre com os fonemas oclusivos /p/, /b/, /t/, /d/ e /g/, como em 24.

24.

/n+námpuúka/	[n.námpuú:ka]	"pâncrea"
$\begin{array}{c} \diagdown \quad   \\ \text{H} \quad \text{H} \end{array}$	$\begin{array}{c} \diagdown \quad   \\ \text{H} \quad \text{H} \end{array}$	
/vá+námpuúka/	[v.námpuú:ka]	"pâncreas"
$\begin{array}{c} \diagdown \quad   \\ \text{H} \quad \text{H} \end{array}$	$\begin{array}{c} \diagdown \quad   \\ \text{H} \quad \text{H} \end{array}$	
/í+mbúdi/	[i.mbú:di]	"cabra"
$\begin{array}{c} \diagdown \quad   \\ \text{H} \end{array}$	$\begin{array}{c} \diagdown \quad   \\ \text{H} \end{array}$	
/vá+mbúdi/	[v.mbú:di]	"cabras"
$\begin{array}{c} \diagdown \quad   \\ \text{H} \end{array}$	$\begin{array}{c} \diagdown \quad   \\ \text{H} \end{array}$	
/n+nántuúta/	[n.nántuú:ta]	"pipoca"
$\begin{array}{c} \diagdown \quad   \\ \text{H} \quad \text{H} \end{array}$	$\begin{array}{c} \diagdown \quad   \\ \text{H} \quad \text{H} \end{array}$	
/vá+nántuúta/	[v.nántuú:ta]	"pipocas"
$\begin{array}{c} \diagdown \quad   \\ \text{H} \quad \text{H} \end{array}$	$\begin{array}{c} \diagdown \quad   \\ \text{H} \quad \text{H} \end{array}$	
/i+nduúva/	[i.nduú:va]	"flor"
$\begin{array}{c}   \\ \text{H} \end{array}$	$\begin{array}{c}   \\ \text{H} \end{array}$	
/di+nduúva/	[di.nduú:va]	"flores"
$\begin{array}{c}   \\ \text{H} \end{array}$	$\begin{array}{c}   \\ \text{H} \end{array}$	
/n+nánkuaáa/	[n.nánkwaá:a]	"tipo de rato"
$\begin{array}{c} \diagdown \quad   \\ \text{H} \quad \text{H} \end{array}$	$\begin{array}{c} \diagdown \quad   \\ \text{H} \quad \text{H} \end{array}$	

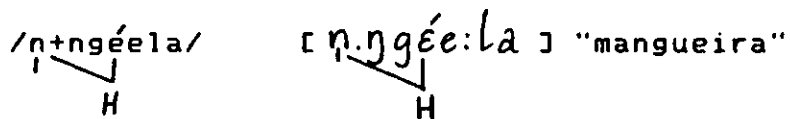
/vá+nánkuaáa/ [vá<sup>̃</sup>nánkwaá:a] "tipo de ratos"  


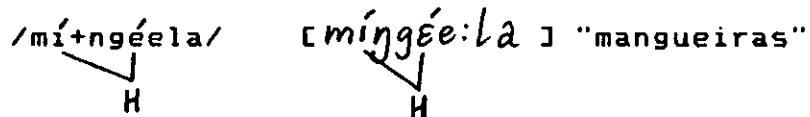
/í+ngónda/ [íngó:nda] "tanga"  


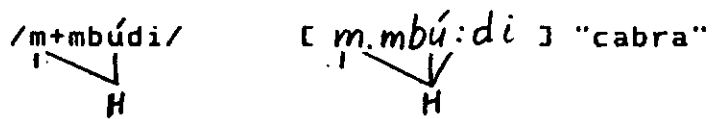
/dí+ngónda/ [díngó:nda] "tangas".  


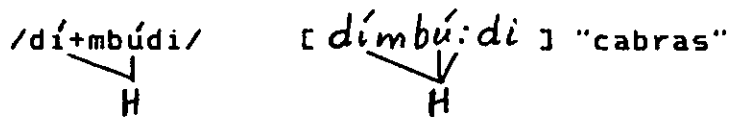
Além do mais, o processo de A.I.N. pode co-ocorrer com a nasal silábica, como nos casos a seguir:

25.

/ŋ+ngéela/ [ŋ.ŋgé:la] "mangueira"  


/mí+ngéela/ [míngé:la] "mangueiras"  


/m+mbúdi/ [m.mbú:di] "cabra"  


/dí+mbúdi/ [dímbú:di] "cabras"  


Com efeito, só alguns fonemas /b/ e /g/ apresentam os casos de co-ocorrência de A.I.N. e N. Assim, a nasal silábica que aparece disseminada no prefixo na forma singular, pode ser apagada pelo alomorfe do prefixo na forma plural, mantendo-se, nos dois casos, A.I.N. (NC assimilada na base); 2) a pré-nasalização que ocorre em SMAK, como consequência da co-ocorrência de nasal silábica com os fonemas /p/, /t/, /d/, /k/ e /s/, ilustrado em 26:



26.

/m+mpila/ [m.mpi:la] "borracha"

/mi+pila/ [mipi:la] "borrachas"

/m+mpuúnga/ [m.mpuú:nga] "arroz"

/mi+puúnga/ [mipuú:nga] "arrozés"

/n+ntéla/ [n.nté:la] "remédio"

/mí+téla/ [míté:la] "remédios"

/n+ndéya/ [n.ndé:ya] "amendoim"

/mí+déya/ [mídé:ya] "amendoins"

/n+nkóongue/ [n.nkó:ngwe] "mulher"

/va+koóngue/ [vakoó:ngwe] "mulheres"

/n+nsíla/ [n.nsí:la] "cauda"

/mí+síla/ [mísí:la] "caudas"

Um argumento forte para afirmar que a pré-nasalização é, em SMAK, uma consequência da co-ocorrência de nasal silábica com o fonema consonantal (C), é o fato de que a seqüência NC (no radical) passa a C, quando a nasal silábica é zero ( $\emptyset$ ). Este caso difere da A.I.N., onde mostramos que o apagamento de  $\eta$  não afeta a seqüência NC assimilada na base.

Os processos de assimilação de nasal (assimilação intermorfêmica e a pré-nasal consonantal) até aqui vistos, permitem-nos concluir que, em termos de análise, por um lado, a pré-nasalização em SMAK é uma decorrência de  $\eta$  + C que, ora pode formar seqüências NC (NX) ora formar uma estrutura CV; por outro, seqüências NC podem ser geradas na base através de A.I.N.

## 5.2 - Nasal silábica

Assumiu-se desde o início, que a nasal silábica ocorre em SMAK como um processo fonológico, independente de pré-nasalização.

Dois tipos de evidências permitem tal assunção. A primeira é indicativa: quase todos os trabalhos anteriores de descrição de algumas línguas Bantu de Moçambique, incluindo SMAK, apontam para a ocorrência de nasal silábica (NELIMO, 1989). Nesses trabalhos, todavia, não figura uma análise lingüística do fenômeno (Yukawa, 1989). A constatação de ocorrência de nasal silábica nos estudos anteriores vem corroborar a evidência lingüística que ressaltamos, sustentada a partir de dados da língua em análise.

A segunda evidência é empírica.

Os dados disponíveis de SMAK mostram que, além de oposição de tipo /NC/: /C/, referida anteriormente, a língua tem outro tipo de oposição envolvendo /NC/: /C/. Esta oposição tem sempre lugar, em SMAK, no início de palavra, quando o classificador é a própria nasal ou, quando aquele não se realiza fonologicamente ( $\emptyset$ ) e é seguido de qualquer nasal (N) ou de NC assimilado na base.

Dois argumentos que favorecem a explicação da existência de nasal silábica são apresentados a seguir. Primeiro, o léxico de SMAK está sempre associado ao prefixo de concordância gramatical (morfema de classe) que se antepõe ao núcleo (radical). Embora seja obrigatória a presença do classificador, às vezes este ocorre concomitantemente com a nasal silábica, o que seria normal esperar em todos os casos; outras vezes, o classificador cai, para dar lugar a uma nasal que ocupa a posição de sílaba, como indicado em 27:

27.

$\begin{array}{c} / \eta + n t \acute{e} l a / \\ \quad \quad \quad \downarrow \\ \quad \quad \quad H \end{array}$	$[ \eta . n t \acute{e} : l a$	]	"remédio"
$\begin{array}{c} / m \acute{i} + t \acute{e} l a / \\ \quad \quad \quad \downarrow \\ \quad \quad \quad H \end{array}$	$[ m \acute{i} t \acute{e} : l a$	]	"remédios"
$\begin{array}{c} / \eta + n e \acute{e} m b a / \\ \quad \quad \quad \downarrow \\ \quad \quad \quad H \end{array}$	$[ \eta . n e \acute{e} : m b a$	]	"rapaz"
$\begin{array}{c} / v a + n e \acute{e} m b a / \\ \quad \quad \quad \downarrow \\ \quad \quad \quad H \end{array}$	$[ v a n e \acute{e} : m b a$	]	"rapazes"

$$\begin{array}{l} / \emptyset + maáka / \\ | \\ H \end{array} \quad [ m_1 . maá : ka ] \text{ "gato"}$$

$$\begin{array}{l} / vá + máka / \\ \swarrow \quad \downarrow \\ \quad H \end{array} \quad [ v_1 á m_1 á : ka ] \text{ "gatos"}$$

O segundo argumento, relacionado ao primeiro, é que a queda do morfema classificador, que forma uma estrutura HCV+NV - prova que - +NV- é diferente de #NV -, isto é, CV+NC  $\neq$  N+NC.

A ocorrência de pré-nasalização, como evidência em si mesma da correlação entre uma consoante C e nasal silábica foi discutida anteriormente neste item.

Tentaremos ilustrar a diferença CV + NC  $\neq$  N + NC através de uma quadro.

-----				
Prefixos				
-----				
Locat.	Class.	Radical		Estrut.
-----				
mu+ [mu]	i+ [i]	$\eta$ aánde   $\eta$ aá:nde	"dentro de casa"	
mu+ [mu]	di+ [di]	$\eta$ aánde   $\eta$ aá:nde	"dentro de casas"	
$\emptyset$ + 	i+ [i]	$\eta$ aánde   $\eta$ aá:nde	"casa"	#CV+CV-
$\emptyset$ + 	di+ [di]	$\eta$ aánde   $\eta$ aá:nde	"casas"	
-----				
$\emptyset$ + 	$\emptyset$ + 	$\eta$ . $\eta$ aánde   $\eta$ . $\eta$ aá:nde	"dentro de casa"	#N.+V-
-----				
$\eta$ + [N]	di+ [di]	$\eta$ aánde   $\eta$ aá:nde	"dentro de casas"	#N.+CV-
-----				
	í+ [í]	mbóko  mbó:ko	"piolho"	
	dí+ [di]	mbóko  mbó:ko	"piolhos"	#CV+NV-
-----				
	$\emptyset$ + 	m.mbóko  m.mbó:ko	"piolho"	#N.+CV-
-----				

	li+	maáka	"gato"		
	[i]	[maá:ka]			
	ldi+	maáka	} "gatos"		#CV+CV-
	[di]	[maá:ka]			
	lvá	máka			
	[vá]	[má:ka]			
-----					
	∅+	m.maáka	"gato"		#N.+V-
		[m.maá:ka]			
-----					
	ln+	nsíla	"cauda"		#N+CV-
		[n. nt[í:la]			
-----					
	lm+	mpila	"borracha"		#N+CV-
	[m]	[mpi:la]			
-----					

Referimos anteriormente (ver 5) que a estrutura básica de SMAK é de tipo CV+CV -, o mesmo que CV+NV -, sendo que CV pode aparecer nas seguintes formas:

28.

CV+NV - como em /dí+mbóko/ [dímbó:ko] "piolhos"

(C)V+NV - como em /í+mbóko/ [ímbó:ko] "piolho"

C(V)+NV - como em /ŋ+nsíla/ [ŋ.n<sup>h</sup>tsí:la] "cauda"

(CV)+NV - como em /ɸ+mbóko/ [m.m<sup>h</sup>bó:ko] "piolho"

Nestes exemplos, a posição ocupada pelo classificador é a de uma unidade fonológica: a sílaba. A análise do quadro apresentado anteriormente mostra que quando o classificador forma estrutura do tipo (C) V+NV -, o mesmo que (C)V+CCV -, N não é silábica. Ao contrário, quando o classificador forma estrutura de tipo C(V)+NV - ou (CV)+NV -, N  $\longrightarrow$  N.

De modo geral, a ocorrência de nasal silábica em SMAK pode ser formulada segundo a seguinte regra fonológica: /N/  $\longrightarrow$  [N]<sub>h</sub> /  $\longrightarrow$  HN(C).

Não há dúvida de que o fato da nasal silábica envolver o classificador indica que, por um lado, existe em SMAK um aspecto fonológico que é marcado morfologicamente e, que é, por outro, realizado foneticamente.

Esboçemos uma explicação fonológica do fenômeno.

Como foi referido acima, a posição ocupada pelo classificador na estrutura é posição de sílaba. Existem funções fonológicas distintivas entre os segmentos que compõem o classificador como fato morfológico e aqueles do respectivo núcleo. Do ponto de vista fonológico, a presença ou ausência de um classificador (ante-posto ao núcleo), afeta a organização da estrutura interna da sílaba.





c) / $\eta$ +neémba/ [ $\eta$ .neé:mba] "rapaz"  
           H                  H

d) /va+neémba/ [va:neé:mba] "rapazes"  
           H                  H

Os exemplos em 29 mostram que, ora é possível associar o tom alto do radical com o respectivo classificador (ver 29. a) e b) ora tal associação não se pode dar (ver 29. c) e d).

Qual a motivação lingüística para que este tipo de associação, se correta, possa ser feita? A resposta é que o classificador, como fato morfológico, estabelece relações fonológicas com o respectivo radical.

Com efeito, se os classificadores têm relação com a distribuição de tom, em SMAK, pode-se concluir que em 29. a) tem-se N<sub>i</sub> (com tom alto), enquanto que, em 29. c), tem-se N<sub>i</sub> que não recebe tom em consequência de a primeira vogal do radical estar ou não marcada tonologicamente (ver Cap. V).

Desses fatos, decorre que na língua em estudo a ocorrência de um classificador como fato morfológico tem a ver com a distribuição de unidades fonológicas - sílaba, tom - que, não obstante sua autonomia mantêm uma relação na sua estrutura fonológica, no nível de representação. Conseqüentemente, a unidade fonológica (a sílaba) pode ser indicada morfológicamente através de um fonema especial N<sub>i</sub>.

Caso nossa análise seja consistente e capte, de forma correta tal processo morfofonológico e morfotonêmico, uma conclusão básica que pode ser tirada é que, em SMAK, os classificadores têm

relação direta com a distribuição de unidades fonológicas (sílabas, tons, etc.).

Com vista ao exame mais detalhado deste último aspecto, nosso próximo item é dedicado à análise dos classificadores e as classes nominais de SMAK.

### 5.3 Os classificadores e as classes nominais

A língua SMAK apresenta 13 classes nominais (gêneros gramaticais), agrupadas de acordo com as características morfológicas de prefixos (que antepõem qualquer núcleo). Neste trabalho, não se discutirá sobre prefixos "sujeito" e "objeto", que também ocorrem tanto nas formas nominais quanto nas formas verbais (Yukawa, 1989).

Embora não nos pareça fácil definir o que se entende por "classe", julgamos pertinentes certas colocações a respeito desta noção.

Abordagens individualizadas de "línguas Bantu da África Austral" (Guthrie, 1948; 1967), algumas pesquisas reunidas em periódico alemão (LORENZ, 1914) e, mais tarde, o estudo de línguas da África Negra (Alexandre, 1972) proporcionam uma visão geral a respeito dos critérios que estão na base de noções como "classe" nominal. Guthrie (1967) refere que "é melhor assinalar cada par de concordância gramatical (sg. vs pl.), como fazendo parte de uma mesma classe, e que a dificuldade de se saber por que classes idênticas podem ser designadas por igual prefixo consiste em determinar o classificador exato para cada categoria".

Com base nesse critério gramatical, Alexandre (1972) define classes como "categorias gramaticais, padrões de concordância, marcadas em Bantu pelas características de prefixos" sendo que a escolha de características de prefixos para uma palavra com a qual deve concordar é regrada pelo núcleo do sintagma ou frase.

A partir dessas colocações, deve-se aceitar que "classe", entendida como categoria gramatical extralingüística, existe na maioria das línguas. As diferenças existentes entre ela, nas diferentes línguas, residem na forma como cada língua procede a tal categorização, que pode ser léxica, morfológica ou ambas.

Em SMAK, como na maioria de línguas Bantu, todas as palavras têm um prefixo de concordância, que denota classe, também designado "prefixo independente".

Os prefixos de concordância estabelecem relações morfofonológicas com seu núcleo, podendo indicar não só o número (sg. vs pl.), mas também as relações de categorização dos tipos de relações morfossintáticas dos "significados". Com efeito, os prefixos podem indicar, além do número, a forma física do objeto, ou o uso metafórico do nome (se personificado), e/ou se se trata de algo material. Além disso, a reunião de um número de palavras em uma mesma classe parece não ter relação semântica particular.

Os prefixos independentes co-ocorrem com outros prefixos (dependentes), através dos quais são expressas as relações sintáticas existentes entre o núcleo e os modificadores. Nesta análise não nos ocuparemos dos prefixos dependentes.

Embora pareça haver consenso acerca do que se acaba de afirmar, uma questão permanece ainda pouco discutida no que diz res-

peito ao caráter restritivo dos classificadores que co-ocorrem com os nomes.

Independentemente disso, pode-se afirmar que em SMAK os classificadores constituem, geralmente, um caso que, ora, refere um grupo de palavras de forma independente, ora eles referem mais o tipo de ligação que envolve o classificador e a estrutura linguística. Em consequência disso, a informação lexical que deve determinar a escolha do classificador e o núcleo respectivo estabelece uma relação entre ambos e a distribuição dos tons na língua.

Primeiramente tentaremos fundamentar essa assunção, com base em algumas formas verbais de SMAK. Nosso objetivo aqui, é demonstrar como a relação entre classificador e núcleo tem, efetivamente, a ver com a distribuição de tons na língua.

### 5.3.1 - Os classificadores e as formas verbais

Em SMAK, todas as formas verbais, exceptuando-se o infinitivo e o imperativo (equivalente ao infinitivo ou gerúndio do Inglês), têm um morfema que varia de acordo com a pessoa gramatical e/ou a classe do sintagma nominal, denotando o sujeito da ação expressa pelo verbo (YUKAWA, 1989).

Neste ponto, ocupar-nos-emos do exame das formas verbais que não têm um morfema que varie de acordo com a pessoa gramatical ou classe do sintagma nominal. Trata-se das formas infinitiva, causativa e reflexiva. Todas elas apresentam uma simetria estrutural.

## 5.3.2 - A forma verbal infinitiva

A forma verbal infinitiva em SMAK tem estrutura que envolve um prefixo /ku/, um morfema lexical qualquer "Rad" e o afixo /a/. Esquemáticamente, tem-se:

-----  
 |Ku+Rad. Verb. + a | — como ilustrado em seguida,  
 |-----|

30.

/kú+lí+a/	[	kú:la	] "comer"
 H		V H	
/kú+l+a/	[	kú:la	] "despir", "amadurecer"
 H		V H	
/kú+wúl+a/	[	kúwú:la	] "adoecer"
V H		V H	
/kú+pát+a/	[	kúpá:ta	] "receber"
V H		V H	
/kú+pi+a/	[	kú:pya	] "queimar"
 H		V H	
/kú+váv+a/	[	kúváv:va	] "coçar"
V H		V H	
/kú+lól+a/	[	kúlól:la	] "olhar"
V H		V H	
/kú+lómb+a/	[	kúlól:mba	] "casar"
V H		V H	



/kú+lómb+es+a/ [ kúlómbes:a ] "fazer (alguém) casar"  
 H H

/kú+lóo+di+a/ [ kúlóo:dyā ] "fazer (alguém) olhar (algo)  
 H H olhável"

### 5.3.4 - Forma verbal reflexiva

A forma verbal reflexiva, em SMAK, compreende a seguinte estrutura:

| Ku + Ext. (refl.) + Rad. Verb. + a | — ilustrada

pelos exemplos a seguir:

32.

/kú+lí+li+ista/ [ kúlíli:sa ] "dar de comer a si próprio"  
 H H

/kú+lí+uú+ta/ [ kúkuú:la ] "despir-se"  
 H H H H

/kú+lí+wuu+di+a/ [ kúluu:dyā ] "fazer a si próprio adoecer com"  
 H H

/kú+lí+udi+a/ [ kúku:dyā ] "perguntar a si próprio"  
 H H

/kú+lí+pat+iy+a/ [ kúlípáti:ya ] "fazer a si próprio receber algo"  
 H H

/kú+lí+vaáv+a/ [ kúlívaá:va ] "coçar-se"  
 H H H H

/kú+lí+loól+a/ [ kúlíloó:la ] "olhar a si próprio"  
 H H H H

/kú+lí+lombi+a/ [ kúlílombya ] "fazer a si próprio casar."  
 H H

Embora tais formas verbais possam ser tratadas de maneira independente, o exame dos dados mostra que as mesmas, às vezes, coexistem. Este fato faz com que o modelo estrutural das três formas verbais seja como indicado a seguir:

(Ku) + (Ext.) + Rad. Verb. + (Ext.) + a

A indicação do quadro (dos padrões) tonal para cada uma das quatro formas verbais acima mostra-se, como veremos mais a diante (Cap. V) compatível com os diferentes padrões tonológicos que a língua apresenta.

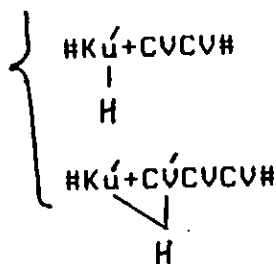
A seguir, apresentamos os padrões tonológicos das formas verbais aqui analisadas, associados com a sua forma estrutural.

Infinitiva:

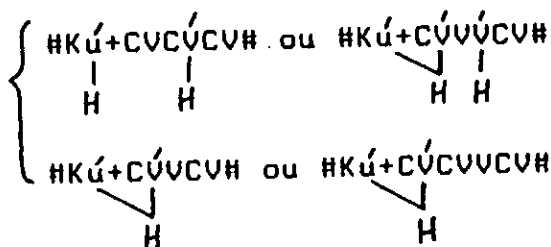
{ #KÚ+CVH  
 H  
 #KÚ+CÚCVH  
 H  
 #KÚ+CÚCÚCVH  
 H



Causativa:



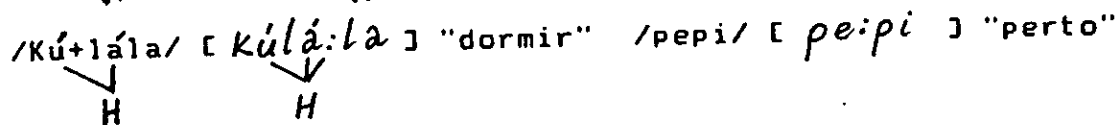
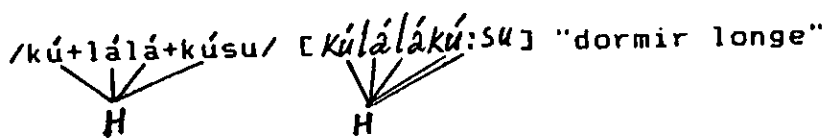
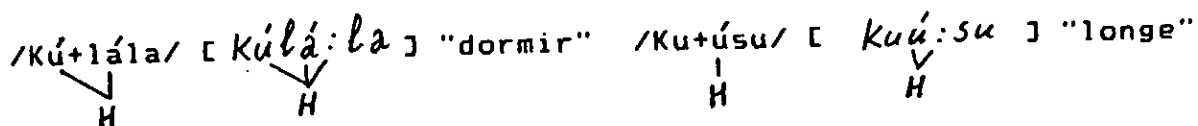
Reflexiva:



Com base neste quadro, fica difícil supor que, em SMAK, cada morfema (prefixo ou radical) das formas verbais em análise tenha suas próprias propriedades de traços tonológicos.

As conclusões que decorrem da presente análise são: primeiro, que SMAK é uma língua na qual cada forma verbal tem sua estrutura fonológica com padrão tonal independente e, segundo, que o tom da última sílaba ocorre sempre baixo, antes de pausa. Em juncturas morfêmicas, no entanto, o tom alto pode variar atingindo sílabas sem tom, ou permanecer na sílaba anterior, como indicado nos exemplos 33:

33.



/Kú+lálá+pepi/ [ kúlálápe:pi ] "dormir perto"  
 H H

/li+ído/ [ liyí:do ] "ontem" /Ku+muúto/ [ kumuú:to ] "no poço"  
 H H H H

/liído+ku+muúto/ [ liyí:dokumuúto ] "ontem no rio"  
 H H H H

#### 5.4 - Sobre as classes nominais

Referiu-se que SMAK tem treze classes nominais, classes essas que constituem sistemas de oposições (sg. vs pl.) que, ou indicam o tipo de relação morfológica que liga o núcleo de sintagma (ou frase) com a respectiva classe, ou expressam as relações morfossintáticas entre o núcleo e os modificadores. Afirmou-se, também que o léxico de SMAK é agrupado de acordo com as propriedades morfológicas dos classificadores. Por outro lado, assumiu-se que, em todos os casos, os classificadores têm uma relação direta com a distribuição de tons na língua, tanto no nível fonológico quanto gramatical.

Em seguida, apresentaremos as classes nominais, indicadas por um número romano associado a um grupo de prefixos (morfemas e/ou alomorfes) dessa classe. Conforme proposto por Lorenz (1914), um grupo de classificadores da mesma classe forma pares de concordância (sg. vs pl.) e/ou constitui um grupo de morfemas com características morfológicas particulares.

Neste trabalho, os pares de concordância vão ser indicados através de números inteiros, associados aos termos "singular"

(sg.) e "plural" (pl.), como indicado em 34-46:

-----  
 |Classes / Prefixos |

		34	
	sg. mu(mu,mw, m,n).	/m+mádengo/	[m.máde:ŋgo] "trabalhador"
	(1)	H	H
		/mu+únu/	[muú:nu] "pessoa"
		H	H
I		/mú+áana/	[mwá:na] "filho (a)"
		H	H
		/ŋ+núme/	[ŋ.nú:me] "homem"
		H	H
		/ŋ+neémba/	[ŋ.neé:mba] "rapaz"
		H	H
		/ø+átáata/	[átáa:ta] "pai"
		H	H

	pl.	va	/vá+mádengo/ [vá:má:de:ŋgo] "trabalhadores"
	(2)		H           H
			/va+ánu/ [vá:nu] "pessoas"
			H           H
			/vá+áana/ [vá:na] "filhos" (as)
			H           H
			/vá+lúme/ [vá:lú:me] "homens"
			H           H
			/va+neémba/ [vá:neé:mba] "rapazes"
			H           H
			/vá+átáata/ [vá:táa:ta] "pais"
			H           H

		35	
	sg. mu(mu, mw, m n).	/m+mpila/ [m:mpi:la] "borracha"	
	(3)		
		/m+uúti/ [muú:ti] "cabeça"	
		H           H	
		/m+uku/ [mu:ku] "bolsa"	
II			
		/mú+éedi/ [mú:éé:di] "lua"	
		H           H	
		/n+nkóno/ [n:nkó:no] "braço"	
		H           H	
		/n+ntéla/ [n:nté:la] "remédio"	
		H           H	

		/ŋ+ntuúmi/ [ŋ.ntuú:mi]	"leão"	
		H               H		
		-----		
		pl. mi (my), va (cl. I, ma (cl. III)		
		/mi+pila/ [mipi:la]	"borrachas"	
		/mi+iítí/ [miyí:ti]	"cabeças"	
		H               H		
		/mi+uúti/ [myúú:ti]		
		H               H		
		/mi+uku/ [myu:ku]	"bolsas"	
		/mí+éedi/ [myéé:di]	"luas"	
		H               H		
		/mí+kóno/ [míkó:no]	"braços"	
		H               H		
		/má+kóno/ [mákó:no]		
		H               H		
		/mí+téla/ [mité:la]	"remédios"	
		H               H		
		/mi+tuúmi/ [mituú:mi]	"leões"	
		H               H		
		/vá+ntúmi/ [vántú:mi]		
		H               H		
		-----		

		36	
	sg.	li (ly)	/li+doódo/[ <i>li doó:do</i> ]"perna"
	(5)		H                H
			/li+baáta/[ <i>li baá:ta</i> ]"pato"
			H                H
			/li+aátu/[ <i>li aá:tu</i> ]"orelha"
			H                H
	III		/li+aámba/[ <i>li aá:mba</i> ]"folha"
			H                H
	pl.	ma (m)	/ma+doódo/[ <i>ma doó:do</i> ]"pernas"
	(6)		H                H
			/ma+baáta/[ <i>ma baá:ta</i> ]"patos"
			H                H
			/ma+aátu/[ <i>ma aá:tu</i> ]"orelhas"
			H                H
			/ma+aámba/[ <i>ma aá:mba</i> ]"folhas"
			H                H

			37	
	sg.	si (si, s)	/si+iíya/ [ siyí:ya ] "coxa"	
	(7)		H H	
			/si+puúla/ [ sipuú:la ] "faca"	
	IV		H H	
			/s <del>o</del> +uúni/ [ suú:ni ] "pássaro"	
			H H	
			/sí+lólo/ [ sílós:lo ] "espelho"	
			H H	
			-----	
	pl.	vi (vy)	/vi+iíya/ [ viyí:ya ] "coxas"	
	(8)		H H	
			/vi+puúla/ [ vipuú:la ] "facas"	
			H H	
			/vi+uúni/ [ viyuú:ni ] "pássaros"	
			H H	
			/ví+lólo/ [ vílós:lo ] "espelhos"	
			H H	
			-----	

		38	
	sg.	i	/i+ndiíla/ [indiyí:la] "caminho"
	(9)		H               H
			/i+mboóma/ [imboó:ma] "víbora"
			H               H
	v		/i+muúla/ [imuú:la] "nariz"
			H               H
			/i+yuti/ [yu:ti] "arma"
			/i+yeta/ [ye:ta] "anel"
-----			
	pl.	di (dy)	/di+ndiíla/ [dindiyí:la] "caminhos"
	(10)		H               H
			/di+mboóma/ [dimboó:ma] "víboras"
			H               H
			/di+muúla/ [dimuú:la] "narizes"
			H               H
			/di+yuti/ [dyu:ti] "armas"
			/di+yeta/ [dye:ta] "aneis"
-----			



		39	
	sg.	u	/ú+wímbu/ [úwíyi:mbu] "cabelo"
	(11)		H H
			/u+paánga/ [upaá:ŋga] "catana"
			H H
	VI		/u+noóni/ [unoó:ni] "ramela"
			H H
-----			
	pl.	ma (cl. III)	/má+wímbu/ [máwíyi:mbu] "cabelos"
	(6)		H H
			/ma+paánga/ [mapáá:ŋga] "catanas"
			H H
			/ma+noóni/ [manoó:ni] "ramelas"
			H H
-----			

			10	
	sg.	lu (lw)	/lu+paápa/ [lupaá:pa]	"asa"
	(12)		H H	
			/lu+mbaáú/ [lumbaá:u]	"costela"
			H H	
VII			/lú+kóombe/ [lúkó:ombe]	"unha"
			H H	
			/lu+omeélo/ [lwomeé:lo]	"telhado"
			H H	
			/lu+eéko/ [lweé:ko]	"riso"
			H H	
			/lu+uúndi/ [luú:ndi]	"rio"
			H H	
	pl. di (dy)(cl. V)		/di+maápa/ [dimaá:pa]	"asas"
	(10)		H H	
			/di+mbaáú/ [dimbaá:u]	"costelas"
			H H	
			/dí+ŋóombe/ [díŋó:ombe]	"unhas"
			H H	
			/di+oméelo/ [dyomeé:lo]	"telhados"
			H H	
			/di+eéko/ [dyeé:ko]	"risos"
			H H	
			/di+uúndi/ [dyuú:ndi]	"rios"
			H H	

---

			41	
		sg. ka	/ka+puúla/ [kapuú:la]	"faca peque-
		(13)	H H	na"
			/ká+ála/ [káa:la]	"dedo peque-
			H H	no"
		IVIII	/ka+doódo/ [kadoó:do]	"perna pe-
			H H	quena"
		pl. tu(tw)	/tu+puúla/ [tupuú:la]	"facas pe-
		(14)	H H	quenas"
			/tú+áala/ [twáa:la]	"dedos pe-
			H H	quenos"
			/tu+doódo/ [tudoó:do]	"pernas pe-
			H H	quenas"

---

		42	
"Infin."		/kú+lia/	[ kú:la ] "comer"
	ku (kw)	H	H
"Caus (+Ext.)"		/kú+la/	[ kú:la ] "despir"
"Reflex. (+Ext.)"		H	H
"Pass. (+Ext.)"		/kú+méla/	[ kúmĕ:la ] "germinar"
IX (15)		H	H
		/kú+áula/	[ kwáú:la ] "dizer"
		H	H
		/kú+ímúka/	[ kwímú:ka ] "despertar"
		H	H

		43	
sg.	∅	/∅+maáta/	[ maá:ta ] "saliva"
		H	H
		/∅+máavi/	[ máa:vi ] "excremen-
		H	H
			tos"
IP1.	∅		
X (16)		/∅+líóoyi/	[ lyó:yi ] "fumo"
		H	H

		44	
	(loc. posic.) pa	/pa+kaáti/ [pa <sup>H</sup> kaá: <sup>V</sup> ti]	] "no meio; entre"
	(17)		
		/pa+igoóli/ [pa <sup>H</sup> igoó: <sup>V</sup> li]	] "na/sobre/a cama"
XI		/pa+m+uúti/ [pa <sup>H</sup> m+uú: <sup>V</sup> ti]	] "na/sobre a cabeça"
		45	
	(loc. direc.) ku	/ku+li+káaya/ [ku <sup>H</sup> li+ká: <sup>H</sup> ya]	] "para /na aldeia"
	(18)		
XII		/ku+Brasil/ [ku <sup>H</sup> bra: <sup>H</sup> sil]	] "para/ no Brasil"

			46	
	(loc. inter.) mu	/mu+i+η	ánde/[mu]iá:nde]	"dentro da
	(19)	H	H	casa"
		/mu+si+lo	óngo/[mu]siló:ngo]"dentro da	
XIII		H	H	panela"

Tanto trabalhos relacionados com a caracterização das classes nominais de forma geral, quanto aqueles que dizem respeito à língua SMAK, desenvolvidos anteriormente, não apontam nenhuma existência da classe X, cujo prefixo é zero ( $\emptyset$ ).

Feita a apresentação das classes nominais em SMAK, podemos, agora, proceder à análise dos aspectos morfofonológicos, maior objetivo deste nosso trabalho.

#### Notas:

(1) o termo "peso" é por nós, aqui, tão somente utilizado para designar a oposição [+intensidade vs -intensidade].

CAPÍTULO V

## CAPÍTULO V

### 6 - Morfotonologia

No tratamento do sistema tonológico do Kikuyu (Clements & Ford, 1979), o arcabouço teórico fundamental para propor a representação fonológica baseia-se no seguinte: certas unidades fonológicas, incluindo o tom, funcionam como segmentos autônomos em níveis de representação fonológica independentes. Isso significa que os processos aplicados para associar tais segmentos autônomos, nos diferentes níveis, não têm uma relação direta com a natureza dos seus elementos nos níveis relacionados de representação. Similarmente, processos fonológicos podem afetar a composição das unidades fonológicas ou outras operações que, igualmente, afetam a identidade de tais unidades.

No caso específico do tom, à sua representação e as unidades com as quais se relaciona como entidades formais da estrutura fonológica, são aplicadas regras em um nível ou em outro, captando a independência mútua entre processos tonais e não tonais. Nesse sentido, são propostos tipos de regras aplicáveis no interior de domínios específicos:

A. associar um tom marcado de uma cadeia tonal com uma unidade portadora de tom;

B. associar um tom marcado de uma cadeia tonal em relação à posição da unidade portadora de tom (mais à esquerda ou mais à



direita na estrutura fonológica);

C. associar um tom qualquer n, de uma cadeia tonal com uma unidade portadora de tom X (contando-se da esquerda para a direita).

Neste momento de nosso trabalho, deter-nos-emos nas regras do tipo C), consideradas como típicas das línguas tonais. Entretanto, não temos certeza de, até que ponto as regras do tipo A), tidas como uma das características de línguas de sistema "pitch-accent" não se aplicam, também, à SMAK.

Nosso argumento, que toma em consideração as regras do tipo C), para descrever o sistema tonal de SMAK, é que um "tom marcado" é mencionado na descrição estrutural das regras de associação de tons. Por exemplo, como veremos mais adiante, cada melodia tonal é encontrada em SMAK constituindo um tom alto (co-ocorrendo com a intensidade).

Saber se SMAK é uma língua com características de sistema fonológico de línguas de tipo "pitch-accent", ou uma língua com este tipo de sistema e sistema tonal, é um problema, a nosso ver não esclarecido na presente análise.

#### 6.1 - Os radicais e a variação dos padrões tonológicos

Temos vindo a afirmar que os classificadores têm relação direta com a distribuição de tons em SMAK. No presente capítulo, faremos breve exame, com relação aos tons de radicais e, depois, avaliaremos o grau de sua variabilidade face à presença ou ausên-

cia de classificador. No referido exame levar-se-ão em conta dois casos mais gerais que ocorrem em SMAK:

1. certos radicais têm seu padrão tonal invariável com a presença ou ausência de prefixos de classe;

2. determinados radicais, em presença de certo tipo de prefixos de classe variam o seu padrão tonal.

Nossa hipótese básica explicativa desse comportamento do sistema tonal de SMAK é que para associar um tom qualquer  $n$  de uma cadeia tonal  $X$  a uma unidade portadora de tom tem-se que captar o valor paradigmático e sintagmático dos níveis tonais do classificador e do seu núcleo respectivo. Isso significa que as regras de associação do tipo C) (mencionadas neste Capítulo), aplicáveis de acordo com uma língua específica devem captar ainda a independência dos processos nos níveis tonais e não tonais.

Com efeito, o sistema tonológico de SMAK indica que certos radicais contendo uma sílaba têm seu padrão tonal invariável, independentemente do nível melódico de seu classificador (ver os exemplos 47-49).

### 6.1.1 - Radicais com uma sílaba

Analisemos a seguinte tabela de exemplos:

Estrut.	Estrut.	Exemplificação
Prefixo	Radic.	
		47
		/Kú+pa/ [ kú:pa ] "dar"
		H                    V
		/Kú+lia/ [ kú:la ] "comer"
		H                    V
CÚ	CV	/Kú+nda/ [ kú:nda ] "apodrecer"
		H                    V
H		/í+yo/ [ í:yo ] "rim"
		H                    V
		/dí+ndu/ [ dí:ndu ] "passos"
		H                    V

		48	
		/i+mbue/ [ i:mbwe ] "grão de areia"	
		/di+mbue/ [ di:mbwe ] "grãos de areia"	
CV	CV	/li+yo/ [ li:yo ] "caco"	
		/ma+yo/ [ ma:yo ] "cacos"	
		49	
		/i+ndú/ [ i:ndú ] "tipo de feijão"	
		H H	
		/di+ndú/ [ di:ndú ] "tipo de fei- jões"	
		H H	
CV	CÚ   H	/li+tú/ [ li:tú ] "tipo de fruto"	
		H H	
		/ma+tú/ [ ma:tú ] "tipo de frutos"	
		H H	

A análise da tabela mostra que os padrões tonais fazem parte da identidade do léxico. Os tons marcados associam-se com às unidades fonológicas, de acordo com a sua posição na estrutura fonológica.

No caso de certas formas verbais, com radical contendo uma sílaba, verifica-se que quando o prefixo /ku/ é apagado, a estrutura - CV do radical indica, na língua, a forma verbal imperativa, com o padrão tonal invariável com relação à classe do sintagma nominal denotando o sujeito de ação expressa pelo verbo. Assim, formas verbais tais como:

50.

/∅+lia/ [ *ka:* ] "come; comai"

/∅+tua/ [ *twa:* ] "pila; pilai"

/∅+ña/ [ *ɲa:* ] "defeca; defecai", etc., podem ser reconstituídas para a forma infinitiva de base, adicionando-se o prefixo /ku/, como /ku+lia/ "comer", /ku+tua/ "pilar" e /ku+ña/ "defecar", sem afetar o padrão tonal dos radicais.

Outras formas verbais do imperativo, formado pelo apagamento do prefixo /ku/ correspondente a igual pessoa gramatical, em SMAK, acarretam a variação do padrão tonal, com respectiva inserção de fonemas (ver exemplos 54).

Analisaremos agora, outras tabelas de padrões tonais de radicais com duas ou três sílabas.

## 6.1.2 - Radicais com duas sílabas

Estrut.	Estrut.	Exemplificação
Prefixo	Radic.	
		51
		/kú+páta/ [kúpa:ta] "receber"
		$\begin{array}{c} \swarrow \\ \text{H} \end{array}$
		/kú+póna/ [kúpó:na] "sasar"
		$\begin{array}{c} \swarrow \\ \text{H} \end{array}$
cú	cúcv	/kú+tóta/ [kútó:ta] "coser"
		$\begin{array}{c} \swarrow \\ \text{H} \end{array}$
H	H	/í+ñóta/ [ípó:ta] "sede"
		$\begin{array}{c} \swarrow \\ \text{H} \end{array}$
		/lí+dúva/ [lídú:va] "sol"
		$\begin{array}{c} \swarrow \\ \text{H} \end{array}$
		/má+kóno/ [mákó:no] "braços"
		$\begin{array}{c} \swarrow \\ \text{H} \end{array}$

		52	
		/lí+yino/	[líyi: no] "dente"
		H	H
		/mé+eno/	[mée: no] "dentes"
		H	H
CÚ	CVCV	/lí+yio/	[líyi: yo] "olho"
		H	H
H		/mé+eo/	[mée: o] "olhos"
		H	H
		/lí+yina/	[líyi: na] "nome"
		H	H

Estrut.	Estrut.	Exemplificação
Prefixo	Radic.	
		53
		/m+mpila/ [m.mpi:la] "borracha"
		/mi+pila/ [mipi:la] "borrachas"
CV	CVCV	
		/m+muku/ [m.mu:ku] "bolsa"
		/mi+uku/ [myu:ku] "bolsas"
		/i+kañ ua/ [ika:pa] "boca"
		/di+kañ ua/ [dika:pa] "bocas"
		/ma+kañ ua/ [maka:pa] "bocas"

A observação dos padrões tonais acima, com radicais de duas sílabas, mostra que, independentemente da ocorrência do prefixo com nível melódico n, estes mantêm seu padrão tonal invariável: -CVCV ou -CVCV. Tais fatos parecem indicar que, em SMAK, o padrão tonal dos radicais independe da ocorrência dos prefixos.



Todavia; não estamos certos sobre até que ponto a invariabilidade do padrão tonal dos radicais não é consequência direta da relação da estrutura fonológica estabelecida entre os níveis melódicos dos classificadores e o padrão tonal de seus radicais. Nossos dados atestam que, quando dois radicais têm igual padrão tonal, a oposição do nível melódico do classificador é fundamental para interpretar os dois padrões tonológicos como sendo, efetivamente, diferentes, conforme foi referido em 2.1.5. SMAK apresenta pares mínimos tonais. Se isto mostra, por um lado, que os radicais continuam com o seu padrão tonal independente, por outro, parece indicar que a oposição entre os níveis melódicos do prefixo e o radical é interdependente no nível da estrutura silábica.

O argumento forte que sustenta esta colocação é o fato de, em certas formas, o apagamento do classificador resultar em novas formas lingüísticas (por exemplo o imperativo), sem afetar a estrutura silábica do radical como foi demonstrado; em outras formas o apagamento do classificador acarreta uma organização interna de sílaba com novos padrões tonais, implicando a inserção de fonemas na estrutura de base. Vejamos os exemplos 54:

54.

/∅+paáta/ [paá:ta] "recebe; recebei", de: /Kú+páta/ - "receber"  
 H                    H  
 /∅+poóna/ [poó:na] "cura; curai", de: /Kú+póna/ - "sazar; curar"  
 H                    H

/ø+toóta/ [to<sup>ó</sup>:ta] "cose, cosei", de /Kú+tóta/ "costurar", etc

$\begin{array}{c} | \\ H \end{array}$ 
 $\begin{array}{c} | \\ H \end{array}$

Acrescente-se que a língua SMAK apresenta, para certos radicais que co-ocorrem com dois tipos de prefixos diferentes (alomorfe) dois padrões tonais distintos.

Objetivando o exame deste último aspecto, compare-se os padrões tonológicos dos radicais, nas tabelas seguintes:

Estrut.	Estrut.	Exemplificação
Prefixo	Radic.	
		55
		$\begin{array}{c} /í+mbúdi/ [ímbú:di] \\ \swarrow \quad \searrow \\ \quad \quad \quad H \end{array}$
		$\begin{array}{c} /dí+mbúdi/ [dímbú:di] \\ \swarrow \quad \searrow \\ \quad \quad \quad H \end{array}$
		"cabritos"; "ca-
$\begin{array}{c} CÚ \\   \\ H \end{array}$	$\begin{array}{c} CÚCV \\   \\ H \end{array}$	$\begin{array}{c} /vá+mbúdi/ [vámbú:di] \\ \swarrow \quad \searrow \\ \quad \quad \quad H \end{array}$
		bras"

## 6.1.3 - Radicais com três sílabas

Estrut.	Estrut.	Exemplificação
Prefixo	Radic.	
		56
CV	CVÚCV	/i+ŋ oómbé/ [iŋoó:mbe] "boi, vaca"
CÚ	CÚCV	/di+ŋ oómbé/ [diŋoó:mbe]
H	H	/vá+ŋ oómbé/ [váŋoó:mbe] } "bois"
		57
CÚ	CÚVCV	/í+ŋ úuku/ [íŋúú:ku] "galinha"
H	H	/dí+ŋ úuku/ [díŋúú:ku]
CÚ	CVCV	/vá+ŋ úuku/ [váŋu:ku] } "galinhas"
H		

		58	
		/i+ngueéle/	[iŋwéé:le] "macaco"
CV	CVÚCV	H	H
	H	/di+ngueéle/	[diŋwéé:le]
		H	H
CÚ	CÚVCV	/vá+ngúéele/	[váŋwéé:le]
H	H	H	H

A observação de ocorrência do padrão tonal em cada estrutura fonológica (exemplos 47 - 58) permite-nos estabelecer três princípios básicos de correlação entre os processos tonológicos de SMAK e sua estrutura fonológica

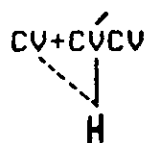
### 6.2 - Princípios de correlação tom - sílaba

1. O tom alto coincide sempre com o acento de intensidade.
2. A última sílaba (que antecede a pausa) não recebe tom, a menos que seja marcado no léxico (exemplo 49).
3. Quando a primeira vogal do radical tiver tom alto, este passará para a vogal do prefixo (que também recebe tom alto). O inverso não se verifica.

Estes princípios permitem-nos várias predições sobre a ocorrência do tom, na língua, em função da sua estrutura fonológica.

Por exemplo, se tivermos uma estrutura do tipo HCV+CVCVH, basta que se marque o tom da primeira vogal do radical para que

se indique que o prefixo passa a adquirir automaticamente o tom alto, como ilustrado abaixo. A linha tracejada indica a vinculação do tom do radical com o nível melódico do prefixo.



Numa estrutura do tipo #CV+CV# seria bastante marcar-se o tom na primeira sílaba (caso tivesse), ou não marcar (caso não tivesse tom). Assim teríamos, respectivamente, #CV+CV# e #CV+CV#.



A questão que se coloca é como proceder com relação a estruturas polissilábicas. Se os princípios propostos acima conseguem predizer corretamente a relação entre tom e estrutura fonológica, achamos que não há grandes dificuldades.

Tomemos uma estrutura do tipo indicado abaixo:

#CV(1)+CV(2)CV(3)CV(4)CV(5)CV#

Segundo os nossos princípios, o tom é predizível em três sílabas desta estrutura (a primeira, segunda e a última).

Vamos indicar essas sílabas com os números 1, 2, 3, etc. Assim, (CV(1), CV(2) e CV(6)). A tarefa seguinte seria marcar o tom em CV(3), CV(4) e CV(5) sobre a(s) sílabas(s) mais proeminentes.

Se a nossa análise é correta e corroborada pelos dados de SMAK podemos concluir que regras lêmicas determinam os padrões tonais. Essas regras juntamente com regras morfotonológicas cons-

tituem um mecanismo "arranjador" das unidades fonológicas que, por sua vez, se relacionam com regras morfofonêmicas.

Assim, portanto, a variabilidade de um padrão tonal de um radical pode ser explicada segundo a seguinte hipótese: tanto os classificadores quanto os radicais têm padrões tonais quer sintagmáticos quer paradigmáticos. Nos níveis paradigmático e sintagmático os padrões tonológicos devem captar a organização das redes silábicas e os processos morfofonêmicos e morfotonológicos que podem afetar a identidade das unidades portadoras de tom nos níveis lingüísticos diferentes.

### 6.3 - Sobre os níveis melódicos da língua SMAK

Anteriormente, a nossa análise pretendeu apresentar alguns aspectos morfofonêmicos e morfotonêmicos da língua SMAK que, à luz de processos fonológicos, possibilitam o estabelecimento de relações entre os fenômenos prosódicos em estudo: tom, intensidade e a estrutura fonológica.

A análise dos aspectos segmentais até aqui feita objetivou mostrar que, na hipótese de ser possível, em termos descritivos, separar o segmento dos aspectos supra-segmentais, tal procedimento se deve, no caso de línguas tonais como a SMAK, a razões de conveniência descritiva, ou, talvez, seja fruto de um enfoque lingüístico segundo o qual a língua seria um sistema analisável com base em elementos atomizados, sem relação direta entre os elementos (constituintes) da estrutura lingüística.

A luz de teorias lingüísticas mais recentes, entre elas Fonologia Não-Linear, tem sido possível mostrar que regras lingüísticas de maior alcance, como aquelas de associação de acento (Fonologia Métrica) e silabificação (Fonologia Auto-segmental) dão conta, no nível de representação, dos aspectos segmentais e supra-segmentais.

Propomo-nos, na seqüência, realizar a análise dos níveis melódicos de SMAK, partindo de um pressuposto básico: em geral, a variação do tom alto na língua em questão abrange os campos alto-baixo, atingindo os níveis melódicos baixos. Embora o nível melódico baixo não abarque, na sua variação, o tom alto, há uma certa independência entre os padrões tonológicos quanto à sua variação. Tal independência ou indica o quadro de padrões tonológicos - um nível supra-segmental onde certos traços funcionam com certa autonomia -, ou estaria ligada a casos idiossincráticos do léxico, ou ainda, a outros aspectos que demandam investigações posteriores.

Os dados que temos vindo a analisar mostram que, embora existam variações de padrões tonais em SMAK, identificadas como "variantes" ou idiossincrasias, é possível distinguir dois níveis melódicos: alto e baixo. O termo "nível melódico baixo" é usado aqui não associado ao tom baixo, mas para indicar simplesmente a ausência de tom. Com efeito um aspecto auto-segmental crucial, em SMAK, é o fato de os níveis melódicos alto e baixo serem lexicalmente contrastivos, o que permite agrupar o léxico da língua em cerca de cinco padrões obtidos através de associação dos níveis melódicos acima referidos (ver exemplos 60-64).

Encontramos em nossa amostra variantes de padrões tonológicos em número reduzido, variação esta exemplificada nos exemplos seguintes:

59.

/li+goóma/ [ ligo<sup>ó</sup>:ma ] ~ [ ligo:ma ] "tipo de tambor"  
           |                  |  
           H                  H

/li+yí/ [ li:yí ] ~ [ liyí:yi ] "ovo", etc.  
           |                  |                  |  
           H                  H                  H

Foram, também, encontrados os níveis melódicos de contorno cuja análise é feita em 6.5.

#### 6.4 - Padrões tonológicos básicos

Conforme referido, os padrões tonológicos de itens lexicais da língua em análise são parte da identidade do léxico da mesma, não podendo, arbitrariamente ser assinalados por regras. Em SMAK, o tom é utilizado para contrastar os itens lexicais distinguindo diferentes significados das palavras.

O acento de intensidade que pode ser percebido pela altura relativa dos níveis melódicos relaciona-se com os padrões tonais da língua. A relação entre o acento e o tom foi descrita, de modo geral, da seguinte forma: o tom alto co-ocorre sempre com o acento de intensidade. Estabelecida a relação nestes termos, é bastante assumir-se que duas informações básicas, de natureza fonológica, que devem ser indicadas na representação do léxico de



SMAK, são o padrão tonológico mais a proeminência relativa que comporta, simultaneamente, o tom alto e o acento de intensidade.

Como foi demonstrado anteriormente (ver Cap. II) o léxico de SMAK agrupa-se em diferentes categorias, indicadas pelos respectivos classificadores. Foi dito ainda que os classificadores têm relação com a distribuição do tom.

Com vista ao exame mais detalhado destes aspectos, entendemos que duas formulações conceituais que sirvam de base à análise devem ser feitas.

Em primeiro lugar, neste trabalho, entende-se por "padrão tonal", a distribuição contrastiva de níveis melódicos. Pelo exposto acima, fica implícito que um nível melódico pode constituir um padrão tonológico (H.HH, etc.); em segundo, foi considerado "padrão tonológico básico" aquele que é inserido no radical, sem envolver os tons de contorno.

Com base nos dados disponíveis, apresentamos um quadro de padrões tonais básicos, de acordo com o número de sílabas de cada radical.

Nº de	Estrut.	Exemplificação
sílabas	Radic.	
		60
		/kú+lia/ [ kú:la ] "comer"
		 H          H
		/kú+ña/ [ kú:pa ] "defecar"
		 H          H
	-(CC)CV	/kú+la/ [ kú:la ] "despir"; "amadur-
		 H          H           recer"
01		
		/li+tú/ [ li:tú ] "tipo de fruto"
		 H          H
	-(C)CV́	/di+ndú/ [ di:ndú ] "tipo de feijão"
	 H          H          H	

Nº de sílabas	Estrut. Radic.	Exemplificação
61		
-CVCV		<p data-bbox="751 546 1478 589">/kú+díma/ [ kúdí:ma ] "apagar o fogo"</p> <p data-bbox="842 589 1073 666"> <math>\begin{array}{c} \swarrow \quad \searrow \\ \text{H} \quad \text{H} \end{array}</math> </p> <p data-bbox="751 666 1338 720">/kú+lála/ [ kúlá:la ] "dormir"</p> <p data-bbox="842 720 1073 797"> <math>\begin{array}{c} \swarrow \quad \searrow \\ \text{H} \quad \text{H} \end{array}</math> </p> <p data-bbox="751 797 1321 851">/kú+tóta/ [ kutó:ta ] "coser"</p> <p data-bbox="842 851 1073 928"> <math>\begin{array}{c} \swarrow \quad \searrow \\ \text{H} \quad \text{H} \end{array}</math> </p> <p data-bbox="751 928 1280 982">/lí+dúva/ [ lídú:va ] "sol"</p> <p data-bbox="842 982 1073 1059"> <math>\begin{array}{c} \swarrow \quad \searrow \\ \text{H} \quad \text{H} \end{array}</math> </p>
02		
-CVCV		<p data-bbox="751 1190 1395 1255">/mi+pila/ [ mipi:la ] "borrachas"</p>
(-CC)CV		<p data-bbox="751 1332 1321 1397">/i+kañua/ [ ika:pwa ] "boca"</p>

		62	
		/kú+úuka/ [kúu:ka] "ir embora"	
		H                H	
-úVCV		/kú+úuya/ [kúu:ya] "regressar"	
		H                H	
H		/mú+wáana/ [mwáa:ná] "filho (a)"	
		H                H	
		/kú+bávóla/ [kúbávó:la] "furar"	
		H                H	
-CÚCÚCV		/kú+túkúta/ [kútúkú:ta] "correr"	
		H                H	
H		/lí+tátéle/ [litáté:le] "pepino"	
		H                H	
03		/m+uúnu/ [m.muú:nu] "pessoa"	
		H                H	
		/ma+uúndi/ [mauú:ndi] "nuvens"	
		H                H	
-CV(C)ÚCV		/i+muúla/ [imuú:la] "nariz"	
		H                H	
H			
		/si+talola/ [sitalo:la] "injeção"	
-CVCVCV		/si+tututu/ [situtu:tu] "motocicleta"	



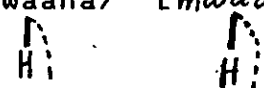
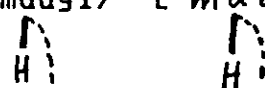
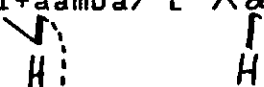
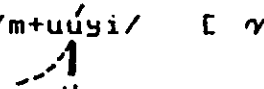
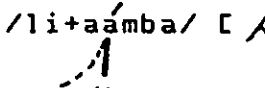


Por tais motivos, a nossa análise considerou que os tons de contorno não são "básicos" no sistema fonológico de SMAK.

Todavia, não fazemos afirmações categóricas sobre o grau de independência, relativamente aos tons de contorno. Os dados disponíveis não permitem maior esclarecimento da questão.

No entanto, se hipóteses colocadas anteriormente confirmam, é de supor que ocorram tons de contorno (e efetivamente ocorrem) descendente e ascendente, como ilustra 65 a) e b) respectivamente, sendo que as linhas tracejadas indicam os contornos.

65.

- a) /mu+wáana/ [mwáa:na] "filho"  
  
 /ø+múuyi/ [múu:yi] "dia solar"  
  
 /lí+aamba/ [láa:mba] "manhã"  

- b) /m+uúyi/ [muú:yi] "pilão"  
  
 /li+aamba/ [laa:mba] "folha"  


CONCLUSÃO



## 7. CONCLUSÃO

Neste trabalho, propusemo-nos a investigar os aspectos prosódicos ocorridos na língua Si-Mákonde, da família Bantu, falada em Moçambique. Para análise, dentre os aspectos prosódicos, escolhemos o tom, entonação e intensidade a fim de contrastar ou não, se tais fenômenos poderiam ser tratados não com base nas diferenças fonéticas que possam ter entre si, mas, sim, pelo valor linguístico que apresentam, na medida em que contribui para a significação e compreensão das formas da língua.

Mostramos que em SMAK tom alto e intensidade co-ocorrem e, dependendo do tipo de padrão tonal, a sílaba intensa (proeminente) pode ser a primeira, a segunda, a penúltima ou a última. Afirmamos, ainda, a existência de uma interdependência entre o tipo de estrutura fonológica e a ocorrência de tom alto e intensidade na primeira vogal do radical e no prefixo respectivo, enquanto que o alongamento vocálico (entonação) é ligado à posição de sílaba (preferencialmente a penúltima), sem valor contrastivo.

A variedade de posição do tom e intensidade na estrutura fonológica mostra que tais aspectos prosódicos têm valor fonêmico. Dada essa variedade de posição na estrutura fonológica, podemos ter, em SMAK, sílabas mais proeminentes vs sílabas menos proeminentes, sendo que uma estrutura fonológica pode ser distinguida da outra pela diferença dada através de tom e intensidade, embora ambas possam apresentar igual disposição, igual qualidade e quantidade de fonemas.

Exemplos tais como:

66.

/li+aámba/	[laá:mba]	"folha"
H	H	
/lí+áamba/	[láa:mba]	"manhã"
H	H	
/dí+índu/	[dí:ndu]	"passos"
H	H	
/di+indú/	[di:n dú]	"tipo de feijão"
H	H	

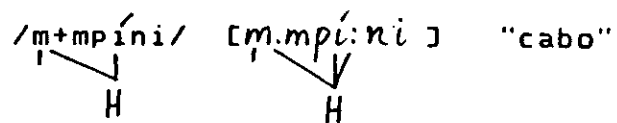
entre outros, mostram que o tipo de sílaba pode conferir conteúdo fonêmico a um traço de natureza fonética.

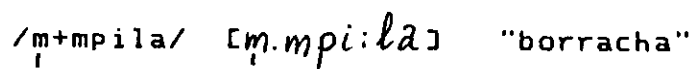
Ressaltamos, também, que, em geral, a última sílaba (a não ser que seja lexicalmente marcada) em, SMAK, não recebe tom alto e intensidade. Tal fato indica que a ausência de proeminência na última sílaba concorre para a delimitação da cadeia fonológica no interior de sua estrutura.

A delimitação da estrutura fonológica, com base nesses fenômenos (morfotonêmicos), foi ilustrada com a nasal silábica que, ora pode ser marcada com tom alto e intensidade, ora ocorre sem proeminência, dependendo de sua relação morfofonêmica.

Exemplos tais como:

67.

/m+mpíni/ [m.mpi:ni] "cabo"  


/m+mpila/ [m.mpi:la] "borracha"  


mostram que a consoante nasal pode ser o núcleo da sílaba.

A caracterização dos aspectos morfofonêmicos de SMAK permite-nos considerar que tom e intensidade podem estar relacionados com a duração, adquirindo traços fonológicos em sua relação com o arranjo da estrutura interna da sílaba.

8. BIBLIOGRAFIA

## B. BIBLIOGRAFIA

- ABAURRE, M.B., Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual do Português do Brasil. Cadernos de Estudos Lingüísticos, n.2, p.23-44, 1981.
- ALEXANDRE, P., Languages and Language in Black Africa. Paris: Northwestern University, 1972.
- ANDRESOM, S., An Autosegmental account of Bamileke-Dschang phonology. Journal of Linguistic Reseach, v.1., n.4, p.74-94, 1980.
- ANGENOT, J.P. et al., Studies in Pure Natural Phonology. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Núcleo de Estudos Lingüísticos, 1981.
- BARRY, F.C., Reduplication and Stress in Spokane, International Journal of American Linguistics, v.55, n.2, p.204-13, 1989.
- BASBØLL, H., The Structure of Syllable Prosod Hierarchy of Distinctive Features. In: Phonologica, Innsbruck: DRESSLER, W., PFEIFER, O.E., p.143-48, 1976.

CHOMSKY, N., ALLE, M. The sound Pattern of English, New York: Harper & Row, 1968.

CLEMENTS, G. N., Palatalization: linking or assimilation? Chicago Linguistic Society, n.12, p.96-109, 1976.

----- Principles of Tone Assignment in Kikuyu. In: Autosegmental Studies in Bantu Tone, Dordrecht-Holland: Foris Publications, p.281-339, 1984.

COLLINS, J., Nasalization, Lengthening and Phonological Rhyme in Tolowa, International Journal of American Linguistics, v.55, n.3, p.326-40, 1989.

CRYSTAL, D., Dicionário de Linguística e Fonética. Rio de Janeiro: Zahar, J., 1988.

CUTLER, A., Stress and Accent in Language Production and Understanding, In: Intonation, Accent and Rhythm. Studies in Discourse Phonology, Berlin: GRUYTER, Walter de, v. 8, 1984.

DUCHET, J. L., La Fonologia, Espanha, Barcelona: OIKOS-TAU, S.a., 1982.

ELIASSON, S., Inferencial Aspects of Phonological Rules. In: Phonologica, Innsbruck: DRESSLER, W., PFEIFFER, O.E., P.103-10, 1976.

FORD, K. C., Kikuyu Tone Shift and Synchronic Consequences. Linguistic Inquiry, v.10, n.2, p.179-210, 1979.

GOLDSMITH, J.A., Tone Melodies and the Autosegment. Proceedings of the Sixth Conference on African Linguistics, USU:WPL, n.20, p.135-47, 1975.

----- Autosegmental Phonology. Bloomington: Indiana University Linguistic Club, 1976.

----- Vowel Systems: Parasession and Metrical Phonology. Chicago Linguistic Society, BOSCH, A., SCHILLER, E., p.116-33, 1987.

----- Tone and Accent in Tonga. In: Autosegmental Studies in Bantu Tong, Dordrecht-Holland: Foris Publications, p.19-51, 1984.

GUTHRIE, M., The Classification of Bantu Languages. London: International African Institute, 1948.

----- Comparative Bantu. London: SOAS University, 1964.

----- The Western Bantu Languages. In: Current Trends in Linguistics, Mouton: SEBEEK, THOMAS, A., p.357-66, 1971.

HALLE, M., The Sound Pattern of Russian. Mouton: The Hauge, 1971.

HARRIS, Z., Simultaneous components in Phonology. Language, n.20,  
p.191-205, 1944.

HAUGEN, E., Phoneme or Prosodeme. Language, v.25, p.279-82, 1949.

HOGG, R., McCULLY, C.B., Metrical Phonology: a coursebook. London:  
Cambridge University Press, 1987.

HYMAN, L., RUSSEL, G., Universals of Tone Rules: Evidence from  
West Africa. Linguistic Inquiry, n.5, p.81-115, 1974.

-----, BYARUSHENGO, E.R., A Model of Haya Tonology.  
In: Autosegmental Studies in Bantu Tone, Dordrecht-Holland:  
Foris Publications, p.53-103, 1984.

KAYE, J. D. On the Stress Syllable Structure of Certain West  
African Language. Studies in Sciences of Language Series, n.6,  
p.285-330, 1985.

KOUTSOUDAS, A., On the Necessity of the Morphophonemic-Allophonic  
Distinction. In: Phonologica, Innsbruck: DRUSSLER, W.,  
PFEIFFER, O.E., p.121-26, 1976.



- LEHISTE, I., Suprasegmentals. Massachusetts: 2ed., M.I.T. Press, 1977.
- LORENZ, Von A., Entwurf einer Kimakonde Gramatik. Mitteilungen des Seminars für Orientalische Sprachen, p.46-117, 1914.
- MARTIN, PH., About a Theory of Intonation. In: Phonologica, Innsbruck: DRESSLER, W., PFEIFFER, D.E., p.139-41, 1976.
- MATTOSO, C.Jr., Para o Estado da Fonêmica Portuguesa. Rio de Janeiro: Padrão-Livraria Editora Ltda., 1977.
- Dicionário de Linguística e Gramática. Rio de Janeiro: 13ed., Vozes Ltda, 1977.
- MEYER, E.K., Niger-Congo Eastern Bantu. In: Current Trends in Linguistics, n.7, p.307-56, 1971.
- NELIMO Relatório do I Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 1989.
- NIDA, E.A., Morphology - The Descriptive Analysis of Words. ANN ARBOR: University of Michigan Press, 1949.

NGUNGA, A.S.A., Apontamentos de Introdução à Linguística Descritiva das Línguas Bantu. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 1986 (mimeografado).

PIKE, K.L., Phonetics. ANN ARBOR: University of Michigan Press, 1943.

----- Phonemics - A Technique for Reducing Language to Writing, ANN ARBOR: University of Michigan Press, 1947.

----- Tone Languages. 8ed., ANN ARBOR: University of Michigan Press, 1972.

STETSON, R.H., Motor Phonetics: A Study of Speech Movements in Action. Amsterdam: North-Holland, 1951.

VOORHEVE, J., Studies in African Linguistics. v.4, n.1., 1973.

YUKAWA, Y., A Tonological Study of Machame Verbs. Studies in Tarzanian Languages, Japan-Tokyo: Institute for the Study of Languages and Cultures of Asia and Africa (ILCAA), V.2, P.223-338, 1989.

----- A Tonological Study of Sukuma Verbs. ibid., p.339-404, 1989.

----- A Tonological Study of Nilamba Verbs. *ibid.*,  
p.405-49, 1989.

----- A Tonological Study of Nyaturu Verbs. *ibid.*,  
p.451-80, 1989.

----- A Tonological Study of Nyiha Verbs. *ibid.*,  
p.481-517, 1989.

----- A Tonological Study of Makonde Verbs. *ibid.*,  
p.519-60, 1989.

9. APÊNDICE

# Mapa Linguístico de Moçambique

